

amm

AVE MARIA — REVISTA MENSAL
ANO LXXXIX — Nº 11
NOVEMBRO 1987 — Cz\$ 15.00



**REDEMPTORIS
MATER**

**O SACERDÓCIO
DE TODOS**

**O OLHO DO BRASIL
ESTÁ DOENTE**

**OS JOVENS
DE HOJE
DIANTE DAS
GRANDES DECISÕES**



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA (X)

PALAVRA DO SENHOR

“Eis o que diz o Senhor: Praticai o direito e a justiça, e livrai o oprimido das mãos do opressor. Não deixeis o estrangeiro sofrer vexames e violências, nem o órfão e a viúva, nem derrameis neste lugar sangue inocente”

(Jeremias 22,3).

O papa João Paulo II, no seu discurso na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 02-10-79, assim se expressou: “Desejo exprimir a felicidade que para cada um de nós constituem as crianças, primavera da vida, antecipação da história futura de cada pátria terrestre. Nenhum país do mundo, nenhum sistema político pode pensar no seu futuro senão através da imagem destas novas gerações que assumirão dos pais o múltiplo patrimônio dos valores, dos deveres e das aspirações da nação à qual pertencem, e o de toda a família humana. A solicitude pela criança ainda antes do nascimento, desde o primeiro momento da concepção e, depois, nos anos da infância e da adolescência, é a primeira e fundamental prova da relação do homem com o homem. E, portanto, que mais poderá augurar a cada nação e a toda a humanidade, a todas as crianças do mundo senão aquele futuro melhor no qual o respeito dos direitos do homem se torne realidade no aproximar-se do ano 2000?”

PARA REFLETIR E DISCUTIR EM GRUPO

1. Que garantias as nossas leis oferecem para os pequenos com relação ao 10º direito universal da criança?
2. Nós temos nos preocupado com as crianças de nossa comunidade, principalmente com as que estão fora das escolas, andando sozinhas pelas ruas? Como?
3. Como nossa Comunidade pode ajudar a resolver esta questão de “trabalho” e também “escola” para os menores?
4. O que os Movimentos (Encontro de Casais, Movimento Familiar Cristão, Grupo de Jovens...) e outros podem fazer em prol das crianças pobres e marginalizadas?

“É que as pessoas são incompreensíveis, por isso há essa desigualdade e também é que a ignorância é a pior que causa a falta de diálogo para conseguir um mundo novo.”

(N., 10 ANOS — CRUZEIRO — SP)

A redação da revista Ave Maria espera que esta série de publicações sobre a Declaração Universal dos Direitos da Criança leve os pais, as organizações voluntárias, autoridades locais e o governo nacional a reconhecer esses direitos e a se empenharem para que realmente sejam observados, a fim de que tenhamos no futuro cidadãos dignos e honrados. ●

Terminamos, com a publicação deste princípio, o reestudo da Declaração Universal dos Direitos da Criança, promulgada pela Assembléia das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959. Esta Declaração ajudou a definir e consolidar a compreensão das características próprias da infância e de sua importância especial como período propício para a formação e desenvolvimento da personalidade.

10º PRINCÍPIO

A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

- 2 * **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA**
- 4 * **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 * **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 * **OS JOVENS DE HOJE DIANTE DAS GRANDES DECISÕES**
A juventude e a realidade social em que vivem.
- 10 * **REDEMPTORIS MATER**
Comentários sobre a encíclica de João Paulo II para o ano mariano.
- 12 * **O OLHO DO BRASIL ESTÁ DOENTE**
Como é possível a mentira se tornar "verdade".
- 16 * **O SACERDÓCIO DE TODOS**
Todos os cristãos estão a serviço do Evangelho.
- 17 * **SER PROFETA HOJE**
Álvaro Ulcué Chocué — índio, sacerdote e missionário colombiano.
- 19 * **ESTÃO FALANDO MAL DE VOCÊ**
Anunciar a comunhão e a partilha como ensina o Evangelho nem sempre é visto com bons olhos.
- 21 * **NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, MT**
Seção com cidades que têm o nome de Maria.
- 23 * **ALCOOLISMO: A DOENÇA QUE PODE ANIQUILAR**
AL-ANON: A IRMANDADE QUE PODE SALVAR
- 24 * **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
O "viver" e o "sentido da morte".
- 26 * **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 29 * **UM TEMPO DE ESPERANÇA**
Advento, a espera alegre do Messias.
- 30 * **OS LEITORES ESCREVEM**
- 31 * **COLUNA DO MENOR**
- 32 * **CAMPANHA DO SORO CASEIRO**
- 33 * **QUE BOM QUE VOCÊ VEIO**
- 35 * **MARIA NINGUÉM**

Retomar o ânimo

Entramos em um novo tempo com o Advento. Tempo de preparação no qual a fé se fortalece graças às celebrações que precedem o Natal. Agradecer e se preparar para receber o Salvador e seu anúncio que sempre recompõe nossas forças, nossas esperanças e nossas alegrias. A reciclagem do tempo litúrgico nos ajuda a reequilibrar nossa fé, mantendo-a apoiada em Deus. Sem uma revisão freqüente, atrofiamos a fé e corremos o sério risco de nos tornar vítimas de nosso desequilíbrio, pessoal e social. Caímos num processo desintegrador.

A realidade atual de nosso povo mostra como lamentavelmente decaímos. A política econômica do governo, na prática, desvalorizou a tal ponto o suor do trabalhador que este nunca custou tão pouco: um dos menores salários do mundo, 40 dólares mensais; a política de habitação, transporte, educação e saúde seguiu o mesmo caminho, acumulou desserviços dia após dia. Somos uma sociedade conduzida por caminhos muito tortuosos.

No Advento a Palavra de Deus diz: é preciso "endireitar os caminhos do Senhor", pois são nossos caminhos também. É preciso voltar à seriedade e honestidade dos organismos administrativos e governamentais. Por isso é preciso também que os cristãos abram os olhos, se dêem as mãos, estudem, debatam, proponham ações de integração sentindo-se corresponsáveis. A fé assim praticada realiza uma maior comunhão, maior justiça, maior partilha, maior participação.

Neste número a revista *Ave Maria* traz a primeira parte de uma matéria sobre os jovens, a realidade social difícil em que vivem, instabilidade política e econômica, crise de valores, aumento da violência irracional... mas há esperanças e é preciso não desanimar. Leia: "Os jovens de hoje diante das grandes decisões".

Outro assunto importante aqui tratado são os meios de comunicação: rádio, jornal e TV. Nosso comportamento provém da mentalidade e esta é formada pela comunicação. O meio de comunicação é o olho com o qual vemos o mundo, nem sempre tal como ele é mas como os proprietários dos meios querem que o vejamos. Leia: "O olho do Brasil está doente".

Com freqüência vemos que a comunicação não tem tido escrúpulos em manipular e distorcer a verdade, distrair as atenções de fatos mais relevantes, e esse procedimento não pode ser ignorado. Programas de TV e rádio devem ser assistidos e ouvidos com espírito crítico, isto é, devem ser analisados e discutidos. É a maneira mais eficaz de participar. Simplesmente desconhecer e esconder a cabeça como faz o avestruz nada adianta, simplesmente as coisas se mantêm como estão.

Por mais difícil que seja o período que estamos passando, devemos não esmorecer mas retomar o ânimo. Elevar nossas mãos aos céus e com a liturgia agradecer a presença e a força de Deus-Conosco; por isso, é preciso "preparar os caminhos do Senhor e endireitar as suas veredas" (Lc 3,4b).

P. C. G.

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob o nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP.

Composição, Fotelito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo.

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura, são feitas por banco e pelo correio.

Preço: Números avulsos Cz\$ 15,00; Renovação de Benfeitor: Cz\$ 200,00. Ass. de Benfeitor Cz\$ 250,00.

Diretor Responsável: Cláudio Gregianin (MT nº 14696)

Lembranças do ano da paz

Estocolmo (CIC). O SIPRI, um organismo internacional que se dedica a investigações em prol da Paz, sediado em Estocolmo, Suécia, informou que no ano de 1986, Ano Internacional da Paz, as guerras envolveram cerca de 5 milhões de combatentes em 41 países, excetuando os países comerciantes de armas. Entre 3,5 e 5 milhões de pessoas morreram nestes conflitos. Os maiores exportadores de armas foram: Estados Unidos com 33%; URSS com 32% e França com 13,5%. Iraque, Egito, Índia, Síria e Arábia Saudita foram os responsáveis pela compra da metade destas armas.

Povo de Deus e comunicação

Este foi o tema da 4ª Semana de Fé e Compromisso Social, realizada em São Paulo, de 15 a 17 de setembro, com a participação de 13 mil pessoas, pela manhã no Centro Pastoral São José, no Belém, e à noite na catedral da Sé. Debateram do folheto de missa ao *Jornal Nacional da Rede Globo*, passando pelos meios alternativos e "oficiais" de comunicação. Concluíram que o monopólio da comunicação está intimamente ligado à organização política da sociedade. A solução está em produzir, cada vez mais, publicações voltadas para as prioridades sociais. Outra solução apontada se-



A IGREJA NO MUNDO

ria a formação de agentes para a pastoral da comunicação em todos os níveis da Igreja local. No primeiro dia, discutiu-se o *Sistema de Comunicação no Brasil*. O cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, abriu a Semana afirmando que "a Igreja quer que o povo seja comunicador, que aja em comunhão dentro da sociedade, procurando democratizar o que é possível nos meios de comunicação de massa". Frei Betto colocou que "é ingenuidade falar para o povo não assistir a certos programas de TV. O importante é gravar o programa e discuti-lo criticamente com o povo. Temos que ensinar o pessoal das comunidades a se comunicar". O prof. Ismar Oliveira Soares falou da integração das Comunidades com as Faculdades de Comunicação e seus laboratórios. No segundo dia, os jornalistas Fernando Pacheco Jordão (*Veja*) e Ricardo Kotscho (*Jornal do Brasil*), além de Frei Leonardo Boff (teólogo), fizeram uma análise crítica sobre o modo dos meios de comunicação estarem a serviço da participação popular e da libertação. Trataram da política de concessão de emissoras de rádio e TV pelo governo e dos sistemas de trabalho dentro das redações, "onde os repórteres não influem decisivamente na produção do jornal". Frei Leonardo Boff entende que "a crise da comunica-

ção é o momento maior da dominação econômica, política e ideológica. As pessoas aprisionam a verdade dentro da mentira, numa relação injusta, mantida pela desigualdade. A comunhão é a forma mais suprema de comunicação. E Jesus Cristo é a comunhão por excelência". No último dia de debate, Pe. José Strabelli, de São Miguel Paulista, falou sobre as experiências de comunicação popular em sua Região. D. Angélico Sândalo Bernardino, diretor do jornal arquidiocesano *O São Paulo*, contou um pouco dos 30 anos da história do jornal. Uma carta aberta ao presidente Sarney, assinada por religiosos, membros de comunidades, estudantes e intelectuais, denunciou "a leviandade da campanha que vem sendo movida pelo jornal *O Estado de S. Paulo* contra o Conselho Indigenista Missionário da CNBB".

Curso de verão

São Paulo (CIC). O Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP) realizará de 1º a 13 de fevereiro de 1988, em São Paulo, o Curso de Formação para Agentes de Pastoral e Dirigentes de Comunidades (Curso de Verão). O Curso contará com o assessoramento de Antônio A. Silva, Gilberto Gorgulho, Benedito Feraro, Marcelo Barros, Clodovis Boff e Leonardo Boff. Para informações: CESEP. R. Martiniano de Carvalho, 114. Bela Vista, CEP 01321 São Paulo — SP.

Igrejas discutem a situação indígena

Cuzco (CIC). Com o objetivo de fortalecer o nível de conscientização das igrejas e apoiar o trabalho teológico e pastoral entre os povos indígenas do Peru, Equador e Bolívia, realizou-se recentemente em Cuzco, Peru, o Encontro "Quichua-Quechua". Os temas tratados foram a situação atual do povo indígena nestes três países; a incidência das igrejas cristãs e sua procedência; a presença de novos movimentos religiosos nas comunidades; a organização política dos povos; e o dever da igreja com as comunidades indígenas do ponto de vista bíblico. Ao mesmo tempo foi proposta uma melhor coordenação deste trabalho entre as igrejas e as organizações.

AVISO AOS ASSINANTES

Em breve nosso representante Jerônimo José de Farias visitará as seguintes cidades paulistas:

Catanduva, José Bonifácio, Mirassol, Neves Paulista, Monte Aprazível, Poloni, Nhandeara, Flórida, Magda, General Salgado, Auriflama, Tanabi, Votuporanga, Fernandópolis, Estrela D'Oeste, Jales e Santa Fé do Sul.

Santa Catarina faz 2ª Romaria da Terra

Papanduva (CIC). No dia 13 de setembro realizou-se em Papanduva, SC a 2ª Romaria da Terra em solidariedade às famílias daquele município que se vêem ameaçadas e lutam desde 1956 para voltar às

suas terras. Naquele ano o governo federal desapropriou terras do município para a ampliação do campo de treinamento do Exército "Marechal Hermes" e até hoje não pagou a terra aos proprietários. Hoje, cerca de 500 famílias estão envolvidas no problema. Para D. José Gomes, bispo de Chapecó, SC, as romarias têm por missão inter-



A IGREJA NO MUNDO

pretar a escravidão dos pequenos proprietários, dos sem-terra, dos posseiros e dos bóias-frias e denunciá-la. "Elas devem iluminá-los na fé do Deus libertador e de seu Filho Jesus Cristo", afirma ele.

Os sem-teto

México (CIC). Segundo recentes estudos realizados pela ONU sobre habitação humana, constatou-se que atualmente cerca de 100 milhões de latino-americanos não têm teto e mais de 20 milhões de crianças dormem nas ruas.

ENCONTRO DE JORNALISTAS COM A CNBB

Para verificar as denúncias do jornal *O Estado de S. Paulo* sobre a atuação da Igreja na questão indígena, ocorreu um encontro no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, às 20h30 de 21 de setembro, sob a coordenação de Ricardo Kotscho (*Jornal do Brasil*). Fizeram parte da mesa D. Luciano Mendes (CNBB), Demi Azevedo (*Folha de S. Paulo*), Wanderlino de Carvalho (CONAGE – Coordenação Nacional dos Geólogos), o deputado federal José Carlos Sabóia (PMDB-MA) e Raimundo Pereira (*Retrato do Brasil*), com a participação de 50 jornalistas. Não compareceu o representante do jornal *O Estado de S. Paulo*, responsável pelas denúncias, D. Luciano Mendes de Almeida, como fez com 40 parlamentares numa sala do Congresso Nacional, durante 4 horas, dia 20 de agosto, a convite da Fundação Pedroso Horta, mostrou que os documentos foram forjados, que a investida orquestrada por *O Globo*, *Correio Braziliense* e *Jornal Nacional* da TV Globo contra o CIMI foi feita por aqueles que têm interesse em explorar as terras indígenas, em detrimento das populações que ali vivem e da própria soberania nacional, desestabilizando a ação da Igreja, buscando alterar os avanços alcançados pelos índios na Constituinte e evitar que se assegure o direito indígena sobre a utilização do subsolo. Todos os jornalistas repudiaram o tipo de jornalismo da grande imprensa brasileira, por ser nocivo, mentiroso e vinculado aos interesses do capital, onde a notícia é uma mercadoria e não um bem social. Três dias depois desse encontro Demi Azevedo pediu demissão da *Folha de S. Paulo*, permanecendo editor responsável da AGEN (Agência Ecumênica de Notícias), porque "na arena não se pode ser cristão e leão ao mesmo tempo".

O ETNOCÍDIO DOS POVOS INDÍGENAS

Foi legalizado pelo 2º Substitutivo Cabral, denunciou o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em nota à imprensa, em 24 de setembro, depois de comentar os quatro "dispositivos pré-constitucionais". O CIMI denuncia que o "2º Substitutivo cassa os direitos políticos dos índios; restringe as terras por eles ocupadas, permite a exploração por particulares, inclusive estrangeiros, na terra já diminuída; e, finalmente, cassa a indianidade dos índios.

É um substitutivo etnocida, genocida e indigno da consciência civil e cristã do nosso povo. Resta-nos a esperança de que os senhores constituintes se dêem conta de sua responsabilidade em relação aos 170 povos indígenas e evitem ser lembrados pela posteridade como os executores do golpe final contra os povos, de quem todos herdamos o Brasil".

OS DOCUMENTOS DO "ESTADÃO" NA CPI

Foram entregues dia 25 de setembro, para que os 18 parlamentares examinem as "provas" e definam a investigação dos fatos. Já estão convocados para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito o ministro do Exército, o comandante militar da Amazônia, um representante do Conselho de Segurança Nacional e os presidentes da CNBB e do CIMI. Os "documentos" em que se sustentam as reportagens de *O Estado de S. Paulo* contra o CIMI de 9 a 15 de agosto são inteiramente falsos: 1) Uma carta de A. Brand para G. Loebens, que não foi escrita; 2) O "digesto" (ata) de uma reunião, que nunca se realizou; 3) A "Diretriz Brasil nº 4 – ano 0", datilografada em alemão com tradução, com timbre do desconhecido "Conselho Mundial da Igreja Cristã", no singular, cujos "membros" são entidades sabidamente legais, com lista de cidades no cabeçalho, mas sem endereço ou qualquer indicativo para localizar o "Conselho"; 4) A "Diretriz Brasil nº 4 – ano 6" foi surpreendentemente omitida nas matérias, também em alemão, em papel com o timbre do CIMI, assinada por A. Brand, que nunca assinou assim, "A. Brand", e não escreve em alemão; 5) Os outros documentos são fotocópias de reportagens do "Estadão" e de algumas revistas, escritas e selecionadas para dar uma imagem do CIMI favorável às posições assumidas pelo jornal. Além de atingir, curiosamente, outras áreas de atuação da Igreja, como a Reforma Agrária. Portanto, o que não é documento falsificado, com montagem grosseira, é manipulado e distorcido. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou, em 26 de setembro, a resposta do CIMI às seis reportagens sobre "Os índios na nova Constituição", sustentadas por esses "documentos" forjados. O advogado constituído pela CNBB e pelo CIMI, depois de requerer esse "direito de resposta" no próprio jornal, vai requisitar à Polícia Federal a instauração de Inquérito Policial para que a falsidade desses "documentos" seja verificada e, depois, para que se identifique seu autor.

PURGATÓRIO — INFERNO

Qual o pensamento da Igreja sobre: Purgatório e Inferno? (2047)

(N.R.S. — Itajubá, MG)

Não podemos imaginar o purgatório como uma ante-sala do céu onde, distantes de Deus, as almas esperam pelo seu encontro definitivo. O próprio Deus é nosso purgatório. O encontro do justo com Deus é um encontro de purificação, num primeiro momento. Não podemos definir o purgatório em instantes de tempo, nem em espaços reservados do universo. A presença purificadora de Deus plenamente aceita depois da morte constitui a realidade mais profunda do dogma. Ali tudo é alegria, esperança, ilusão, graça no encontro. Não existem lamentos nem gemidos da alma que sofre, mas só a compreensão da grandeza amorosa de Deus e a rejeição da mesquinhez pecadora do homem. O corpo da ressurreição é um corpo transformado, e é nesta transformação que consiste justamente sua purificação depois da morte. O dogma se restringe exclusivamente a admitir que existe uma purificação depois da morte para aqueles que, não morrendo em falta grave, necessitam entretanto ser justificados de seus pecados; eles estarão então com Cristo.

Igualmente o inferno não tem tempo e nem espaço; a condenação eterna não é um castigo de Deus, mas uma situação presente no homem, na qual ele se auto-castiga, não aceitando a comunhão com Deus, numa negação da redenção e salvação de Cristo, na negação dos valores evangélicos.

São anticristãs as imagens de Deus como castigador dos maus, criador do inferno como lugar de tormentos. Deus não castiga ninguém, nem condena ninguém. Deus é amor e perdão infinito. Deus não quer o sofrimento. No coração de Deus não há inferno; ele não está sempre a repreender, nem eterno é o seu ressentimento.

Quando Deus cria o homem, cria-o em sua totalidade. Quando Deus

6 *ave maria*



CONSULTÓRIO POPULAR

- *Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.*
- *Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.*
- *Correspondência para: Equipe Consultório Popular - Cx. Postal 153 - CEP 80.000 Curitiba - PR.*

conserva o homem, conserva-o em sua totalidade. Se o homem é um ser livre, Deus cria sua liberdade. Deus influi na liberdade humana, para que ela seja precisamente liberdade. Portanto, a influência de Deus na liberdade humana é para libertá-la do que ela possa desmerecer; não se opõe às livres decisões do homem, mas favorece-as. Pela mesma razão, quando Deus potencia a liberdade do homem, é para que este se salve; Deus não lhe tira a liberdade, mas muito pelo contrário. (Ver José Cristo Rey García Paredes. *A utopia cristã*. São Paulo, Editora Ave Maria, 1985.)

(Luís Cláudio Bernardo, cmf)



INDULGÊNCIA PLENÁRIA

O que é indulgência plenária e como recebê-la? (2048)

(T.A.F. — Campinas, SP)

Indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados que o fiel, devidamente disposto e em determinadas condições, alcança por meio da Igreja. Esta, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos.

Indulgência plenária é aquela em que a pessoa, prescrevendo as normas determinadas pela Igreja, tem a certeza de que ela é aplicável aos fiéis defuntos. Isto somente de 1º a 8 de novembro. Nos demais dias do ano ela é parcial, não há o respaldo e ensinamento da Igreja. Ela é ainda parcial ou plenária conforme liberta, em parte ou no todo, da pena temporal devida pelos pecados.

Qualquer fiel pode lucrar indulgências parciais ou plenárias para aplicá-las aos defuntos como sufrágio. Para tanto é preciso: se batizado, não estar excomungado e encontrar-se em estado de graça, pelo menos no fim das obras prescritas. Para lucrar ainda deve ter pelo menos a intenção de as adquirir, e deve cumprir os atos prescritos no tempo estabelecido e no modo devido, de acordo com a concessão. No caso acima citado destas datas, prescreve-se o seguinte: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do Sumo Pontífice, nos restantes dias do ano, parcial, isto é, fora do prazo de 1º a 8 de novembro. No dia 2 de novembro, lucra-se uma indulgência plenária, só aplicável aos defuntos: a obra que se prescreve é a piedosa visita à Igreja durante a qual se deve rezar a oração do pai-nosso e do credo, confissão sacramental, comunhão eucarística e oração na intenção do Sumo Pontífice (pai-nosso e ave-maria), ou qualquer outra.

(Luiz Botteon, cmf)
(cf. CIC, cân. 992-997)

Os jovens de hoje diante das grandes decisões

Parte I

Javier Fernández

Marcelo está para finalizar, com grandes dificuldades, seu último ano, para ingressar na Universidade. Sua família e ele próprio tiveram de fazer grandes esforços para que pudesse estudar. Durante estes últimos meses percebeu que alguns de seus companheiros fazem planos para o próximo ano: “Penso estudar Medicina”, “Eu já prefiro Direito”, “Em meu caso, me parece melhor uma carreira mais curta”, “Eu, para falar a verdade, não sei o que fazer”. É o que poderia dizer Marcelo num diálogo qualquer. O passar dos dias não lhe traz clareza. Seguirá estudando ou se dedicará de cheio a trabalhar para ajudar a sua família, como vem fazendo há três anos? Ele mesmo quisera ter claro o que fazer, que caminho seguir. Mas por causas que não consegue explicar, encontra-se no vazio, como em meio a uma nebulosa.

Cristina já tem quase 22 anos. Está finalizando seus estudos de Magistério e se sente bem com isso. O ensino lhe interessa e ainda que os salários de professor não sejam de luxo, mesmo assim crê como certo seguir este caminho. Mas se encontra com um grande problema: a possibilidade de um compromisso matrimonial. Faz mais de dois anos que está noiva de Roberto. Falaram disso mil e uma vezes. Ele se inclina a não deixar passar o ano sem fixar ao menos a data do casamento. Ela, que estava tão contente com seu noivado, sente-se invadida por um mar de dúvi-



das diante deste compromisso: Deverão viver de aluguel ou ir para a casa de seus pais? Será possível manterem-se economicamente só com o trabalho de Roberto? E se for despedido, que farão? Ela prefere esperar. Gosta de Roberto, mas sente grande insegurança e desorientação quando pensa em formalizar algo com ele. Suas amigas lhe aconselham a não “perder a oportunidade”, a “não

ser tonta”. Poderia ouvi-las e propor, de sua parte, uma data ainda que aproximada. Mas não quer dar um salto no vazio. “Talvez depois que terminar minha carreira; ou quando eu tiver um trabalho mais estável”, pensa. Mas este raciocínio tampouco a deixa tranqüila.

Eduardo há dois anos pertence ao grupo de jovens da Paróquia. Atualmente está estudando seu primeiro ano

de Ciências Sociais e Políticas. Nos estudos vai bem. Mas onde não vê nada claro é sobre seu futuro estado de vida. Nestes últimos tempos tem-lhe inquietado muito sua possível vocação para a vida consagrada religiosa. Isto nasceu um pouco antes de ter deixado Gabriela, com quem se relacionou mais ou menos formalmente durante mais de três anos. Inclusive ele crê que foi esta inquietude que o levou a cortar tal namoro. Porém, agora se sente sem nada nas mãos: deixou a namorada mas não ingressou em nenhum instituto religioso. Sente-se decepcionado principalmente consigo mesmo. "O que está acontecendo comigo?", pergunta-se frequentemente. Não consegue entender por que, entre tantas possibilidades que tem diante de si, se sente como que paralisado, sem decisão, sem capacidade de começar a provar se é válida ou não sua inquietude vocacional. O padre Henrique, mais de uma vez, falou com ele, animando-o. Mas, acertadamente, não quis tomar uma decisão por ele. "É você quem tem de dizer a última palavra", disse-lhe. Mas como lhe custa esse passo! Sente-se invadido por uma quantidade de interrogações que borbulham em sua cabeça. Por enquanto decidiu esperar, para ver se com o tempo vê as coisas mais claras.

Em meio às dúvidas

Jovens indecisos, adultos impacientes ante a insegurança de seus filhos, educadores desorientados por uma adolescência que tende a alargar-se, agentes pastorais que não conseguem fazer nascer compromissos estáveis nas novas gerações com as quais lhes toca trabalhar: tal é o panorama que, com frequência cada vez maior, se nos apresenta.

O que está acontecendo? Por que essa relativa segurança na qual as gerações anteriores foram se afirmando vai hoje em dia se tornando mais escassa,

pelo menos em alguns ambientes?

"É que os jovens são assim mesmo: um dia querem uma coisa, e outro dia, outra". "Na realidade não sabem o que querem". "É que receberam tudo pronto e agora não sabem o que significa esforçar-se para conseguir algo semelhante ao que seus pais conseguiram". As opiniões adultas e os diagnósticos do fenômeno podem ser muitos; mas os fatos estão aí com toda sua contundência.

"Os jovens são a esperança da sociedade". "A juventude é o futuro da Igreja". Será realmente assim? Além do mais, vendo suas perplexidades e dificuldades, poder-se-ia duvidar se a sociedade e a Igreja na qual lhes toca e tocará viver fazem surgir neles um grau correspondente de esperança no futuro.

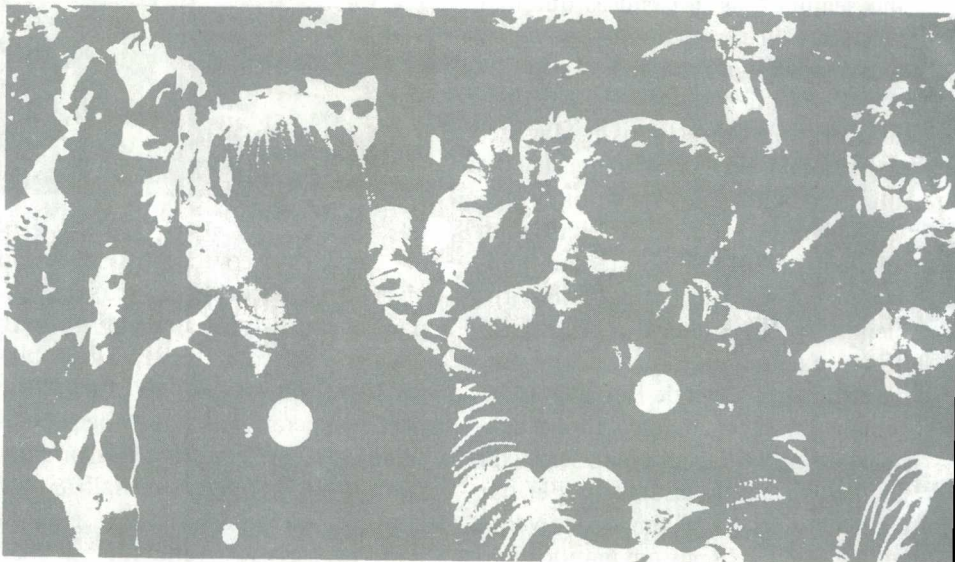
Atualmente parecem ser já muitos os jovens que, ante a possibilidade de iniciar uma carreira universitária, um ofício, um compromisso profissional e, ainda mais, um caminho matrimonial, se sentem com essa molesta mescla de dúvida, indecisão, inércia, medo do futuro... Será que os caminhos que se lhes apresentam não são mais atraentes? O próprio jovem parece não compreender o que lhe sucede. Alguns se perguntam se é possível hoje assumir compromissos para sempre, ou ao menos a longo prazo. O certo é que muitos iniciam car-

reiras que abandonam pela metade, para logo depois começar outras que talvez nunca terminarão. Algo semelhante parece acontecer no âmbito profissional.

Porém é no caminho para o matrimônio que se constata as maiores dúvidas e inseguranças, compartilhadas por ambos os sexos. Os noivados de antes, mais extensos e formais, passam a ser substituídos por um número crescente de "mini-noivados" que nem sequer merecem tais nomes. Se não fosse porque o contexto social atual e a influência dos meios de comunicação social aceleram o processo, poder-se-ia considerá-los como simples experiências de aproximação e conhecimento do casal.

Mas em muitos casos, deixam de ser simples ocasiões de amizade para converter-se em namoros vividos com tal rapidez que não raras vezes levam a relações físicas mais ou menos profundas que ninguém poderia considerar seriamente como "pré-matrimoniais".

Num outro contexto há quem detecte um fenômeno parecido nas vocações orientadas para uma consagração, no sacerdócio ou na vida religiosa. Esse jovem (ou essa jovem) parece estar interessado em ingressar neste instituto religioso. Faz um retiro, depois ou-



tro. Talvez ingresse pelo novo que conhece. Tudo vai mais ou menos bem até que chega o momento de começar a definir a própria posição no caminho escolhido (noviciado, primeiros votos...). Aí se iniciam as dúvidas. Será este o caminho certo? Os novos dados que lhe oferecem às vezes parecem desorientá-lo ainda mais: aumentam a firmeza de seus conhecimentos e idéias, mas não a de sua decisão. "Bem, vou experimentar um pouco mais", poderá pensar. E segue adiante. Porém o tempo irremediavelmente se cumpre e chega o momento de renovar os votos ou de emitilos definitivamente. E a ansiada segurança (talvez idealizada) não chega. O que está se passando? Será que a vida religiosa e o sacerdócio são hoje menos capazes que antes de atrair as novas gerações?

Uma realidade difícil

Não é necessária uma grande análise para vermos que estamos diante de uma problemática complexa, onde intervêm múltiplos fatores. Entretanto, dentro dos limites deste trabalho, trataremos de algumas causas que parecem incidir neste preocupante fenômeno.

Certamente hoje as escolhas de vi-

da dos jovens deparam com uma realidade social e com ideologias que tornam difícil a construção de um projeto de vida pessoal, autônomo e criativo. Por outro lado, somente este projeto é que pode contrastar e superar os vaivéns da idade juvenil e a manipulação a que atualmente se vê submetida.

Porém a realidade dos jovens não é uma só e uniforme, mas se apresenta como algo articulado, estratificado e diferenciado. Varia segundo os países, regiões, níveis sociais etc. Por isso, começaremos por algumas afirmações gerais para depois distinguir duas situações importantes que podemos considerar típicas.

Em geral podemos comprovar:

- Uma crise global da sociedade. Alguns de seus sinais: instabilidade política e econômica, crise de valores, mudança acelerada, aumento de violência irracional... No caso da América Latina está a experiência das ditaduras militares com todas as suas seqüelas: terrorismo de Estado, desordem econômica, freio à participação etc. As nascentes democracias dão certa esperança, mas não podem cobrir (ao menos a curto prazo) as desmedidas expectativas que muitos foram tecendo em torno delas.

- Mudanças e crise da Igreja, mais visíveis no período do pós-Concílio. É certo que atualmente se tem a sensação de uma maior estabilidade. No entanto, na medida em que a Igreja não viva isolada de tudo quanto a rodeia, as crises e problemas do mundo haverão de produzir também nela sucessivas "readaptações" no modo de viver a fé e nas urgências pastorais. Esta mudança contínua parece converter-se numa prova para a serenidade do jovem que intenta comprometer-se de variadas formas nas tarefas da Igreja. Talvez surja daqui a preferência de alguns jovens por aqueles setores da mesma que se mostram mais aderidos a doutrinas e práticas mais tradicionais, e por isso, mais estáveis.

- Certo pessimismo e fatalismo do mundo adulto ao ver derrubados muitos sonhos e expectativas sociais e pessoais. Assim, é comum que hoje muitas pessoas de idade não encontrem motivos duradouros e profundos para ter esperança no futuro, nem para infundila nas novas gerações.

- Conhecimento dos múltiplos fracassos e decepções vividos pelas gerações mais próximas que tomaram decisões fundamentais: casais separados, abandono da vida religiosa e do sacerdócio, carreiras deixadas a meio caminho, sem uma saída profissional ou uma retribuição conforme o esforço realizado.

- Certa fragmentação da sociedade, entendida como diminuição da consciência coletiva e da importância e riqueza das relações interpessoais. Isto produz, sobretudo em alguns ambientes urbanos, uma crise no processo de socialização dos jovens que podem sentir-se, junto com outros grupos humanos, deslocados para as "margens" da sociedade (marginalização). Assim, isolados e neutralizados, muitos jovens se vêem privados de direitos efetivos no



plano da participação e do poder. Pode chegar a formar-se uma verdadeira "cultura marginal" com suas regras próprias, unidas inclusive a comportamentos anti-sociais e delituosos.

• Ausência física e afetiva dos pais, que dedicam o melhor de sua vida e seus esforços ao mundo profissional, não ao familiar. Também a superproteção do pai e sobretudo da mãe que, querendo evitar que os filhos sofram, lhes limitam as ocasiões de irem se adentrando na dureza da vida e de tomar com suficiente independência as decisões que ela lhes pede. Tudo isto, mais a crescente mobilidade dos modelos de identidade, cria nos jovens uma sensação de insegurança, de não saber a que ater-se ou a quem seguir. Os modelos que tiveram as gerações anteriores, ainda que pudessem ser muito criticados pelas novas, serviam-lhes ao mesmo tempo de ponto de referência seguro quanto aos padrões que lhes tocava encarnar um dia.

• Em relação a isso parece válido afirmar que as novas safras de jovens estão caracterizadas por uma identidade cada vez mais débil. Vai aumentando a insegurança no conceito de si mesmo e falta amadurecimento na autonomia pessoal. Sobretudo em certos ambientes, o jovem mostra pouca resistência às frustrações naturais da vida; vê-se incapaz de esforçar-se com perseverança para conseguir alguma coisa. Há quem atribua isso a uma influência combinada por parte de uma educação rígida e protetora e o consumismo fácil induzido através dos meios de comunicação social.

(Continua no próximo número)

(Javier Fernández é missionário claretiano, professor de Teologia Moral no Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos de Córdoba, Argentina.)

Traduziu: Mauro Zequi Custódio, cmf

Redemptoris Mater

José Cristo Rey García Paredes

A REDEMPTORIS MATER
E O ANO MARIANO

Com a encíclica Redemptoris Mater (RM), o papa João Paulo II deu à Igreja um impulso notável em sua comunhão com Maria. Ele presenteou-nos com um ensinamento profundamente bíblico, bem ancorado nas melhores tradições da Igreja, e atento sobretudo para o momento histórico no qual nos "lembramos" da Bem-aventurada Virgem Maria, a Mãe do Senhor.

A seqüência de comentários que nos propôs permite-nos adentrar progressivamente na riqueza doutrinal e vivencial dessa encíclica.

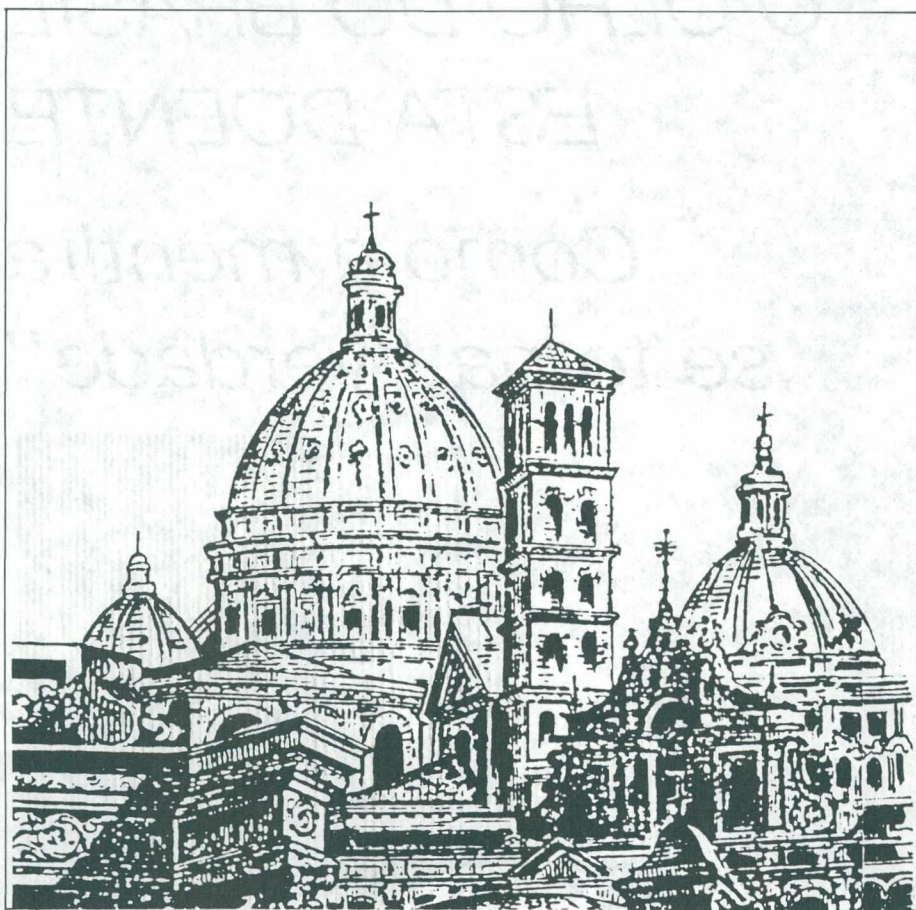
Estes comentários procuram aproximar-se dos núcleos fundamentais da Redemptoris Mater, explicando-os com a maior clareza possível, a partir do conjunto da teologia e deduzindo algumas das conseqüências práticas mais importantes. Os temas que serão abordados nos próximos números apóiam-se numa tríplice estrutura: a) o plano de Deus; b) Maria nesse plano de Deus, segundo a encíclica; c) síntese e conseqüências práticas.

Logo de início, percebe-se nas reflexões que há um fio condutor no magistério de João Paulo II: a verdade sobre Deus, a verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre o homem. Este fio condutor, na encíclica, refere-se também a Maria, de forma que a encíclica Redemptoris Mater nada mais é que uma solene proclamação, nos umbrais do terceiro milênio, da "verdade sobre Maria".

Há motivos para que o Papa dedique uma encíclica a Maria? Que razões teriam motivado a convocação de um "ano mariano"? São perguntas que toda pessoa fiel a Deus pode formular-se.

É verdade que qualquer ocasião pode ser oportuna para uma "lembrança especial" a respeito da Bem-aventurada Virgem Maria. A liturgia nos convida freqüentemente a isso. É muito justo que, em nossa época, marcada por uma crise eclesial, que também tem afetado a mariologia, bem como a veneração e a devoção a Maria, dediquemos alguns meses à recuperação de nossa melhor doutrina mariana, um culto e uma devoção a Maria, que expresse exatamente o que ela significa para a Igreja e para cada um dos fiéis.

A iniciativa do papa João Paulo II responde a uma conjuntura histórica que não deve passar despercebida à Igreja: a perspectiva do ano 2000, quando se celebrará o segundo milênio do nascimento de Jesus. As comunidades, os grupos eclesiais estão recuperando cada vez mais sua "memória histórica". As inumeráveis celebrações centenárias fazem-nos recordar as pessoas, as idéias, as iniciativas mais fecundas do passado, e nos permitem ser criadores de futuro. Não se trata de uma "cultura da nostalgia", a realização de todas essas comemorações. É apenas a convicção de que um futuro sem raízes não tem futuro. E também de que o passado mais rico é a melhor base de lançamento para criar o porvir. Por que então não celebrar o segundo milênio do nascimento de Cristo? Por que não iniciar o terceiro milênio, "recordando-nos de Jesus Cris-



to, ressuscitado dentre os mortos”?

Alguns anos antes do nascimento de Jesus, havia aparecido na Terra uma mulher, escolhida para ser mãe do messias: Maria de Nazaré. Segundo os costumes judeus, “o tempo de noivado de uma mulher correspondia à idade de uma mulher virgem, isto é, entre os doze e os doze anos e meio... a partir dos treze anos e meio ou catorze anos, a jovem judia entrava regularmente para o casamento” (Strack-Billerbeck).

“Ainda que não seja possível fixar um “ponto cronológico” preciso para determinar a data de nascimento de Maria” (RM, 3), podemos com certeza chegar muito perto desse momento histórico. Muitos já têm querido celebrar o segundo milênio do nascimento de Maria. De certo modo, a encíclica e o ano mariano são uma resposta a esse desejo. Mas há ainda um obje-

tivo bem maior: a perspectiva do terceiro milênio e a necessidade que tem a Igreja de delinear um novo futuro, que Deus lhe concede.

Os anos que nos aproximam da conclusão do segundo milênio depois de Cristo e do começo do terceiro referem-se à antiga espera histórica do Salvador. Esse é o referencial da nossa contagem do tempo. E, por isso, é plenamente compreensível que neste período desejemos nos dirigir, de modo particular, àquela que, na noite da espera do Advento, começou a resplandecer como uma verdadeira “estrela da manhã” (RM, 3). Maria precedeu o Redentor como uma esplendorosa aurora. Para seus contemporâneos, ela passou quase despercebida. Mas a Igreja quer que agora seja diferente. E as razões para “refazer a memória de Maria” são muito profundas nos dias de hoje. O Concílio Vaticano

II dela falou de forma sumamente inspirada, situando Maria no mistério de Cristo e apresentando-a como unida de modo particular à Igreja. Atualmente se faz necessário seguir nessa mesma direção, mas de modo mais profundo.

“O vínculo particular que liga a humanidade a essa Mãe me fez proclamar na Igreja, durante este período que precede a conclusão do segundo milênio do nascimento de Cristo, um ano mariano” (RM, 48). Com estas palavras, João Paulo II pede a toda a Igreja um esforço renovado para realizar uma nova e profunda leitura de quanto o Concílio disse sobre Maria, mãe de Deus, e para potencializar a autêntica “espiritualidade mariana” e a devoção a Maria na Igreja. E o Papa conclui esta reflexão com as seguintes palavras: “Assim, durante o ano mariano, a Igreja será chamada não só a recordar tudo o que em seu passado testemunha a especial e materna cooperação da mãe de Deus na obra da salvação de Jesus, mas também a preparar, por sua iniciativa, em face do futuro, os meios para essa cooperação, já que o final do segundo milênio cristão se abre como uma nova perspectiva” (RM, 49).

A encíclica sobre Maria tem também uma clara *intencionalidade ecumênica*, especialmente com relação a nossos irmãos orientais. Nós os católicos nos unimos, neste ano mariano, com aqueles cristãos da Europa oriental que celebram o milênio do batismo de São Vladimir, o grande príncipe de Kiev (no ano de 988), que deu início ao cristianismo nos territórios da Rússia de então e à continuação da religião cristã em outros territórios da Europa oriental. Assim se projeta “uma luz mariana sobre o ecumenismo” (RM, 50). “Diante da mãe de Cristo nos sentimos verdadeiros irmãos e irmãs” (RM, 50). ●

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de Teologia e diretor da revista *Vida Religiosa em Madri*.)

O OLHO DO BRASIL ESTÁ DOENTE

Como a mentira se torna "verdade"

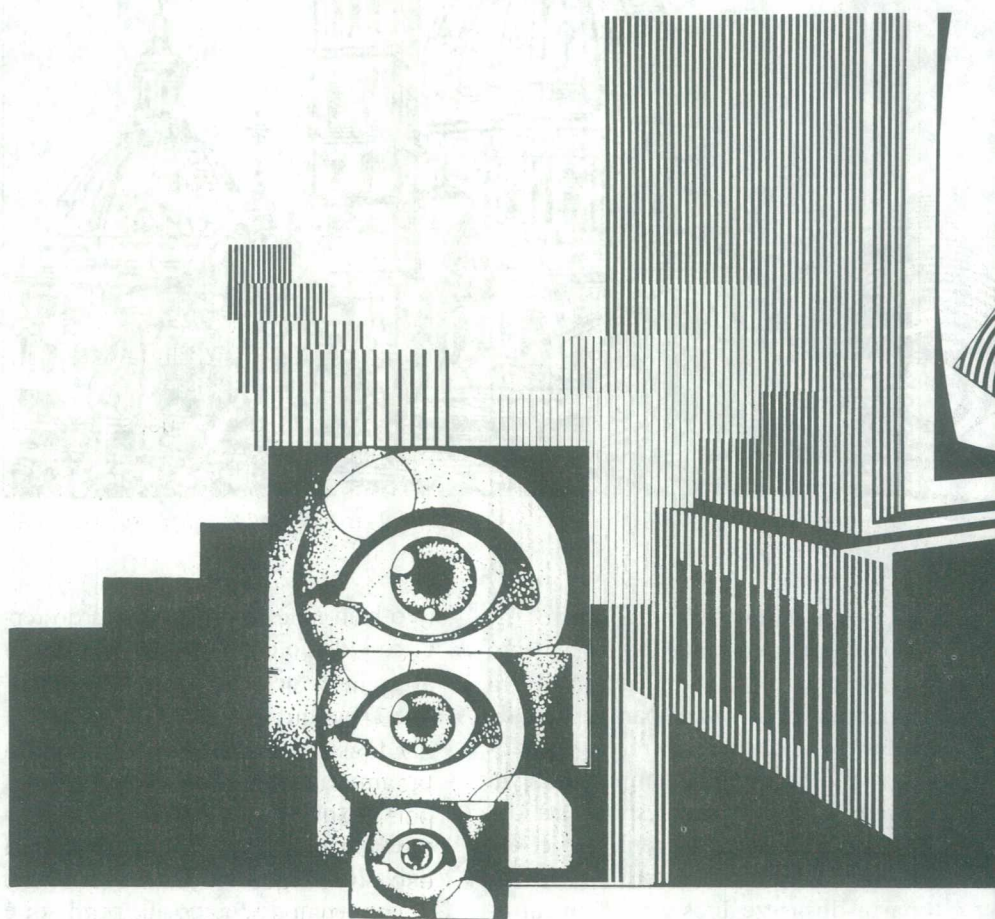
Os meios de comunicação são o olho de um país. Por eles vemos as imagens do mundo, não tais como elas são, mas como os proprietários desses meios querem que vejamos.

Esses meios podem dominar o povo de maneira silenciosa, sutil e eficiente sem que este mesmo povo se aperceba disso. Democratizar mais os meios de comunicação é um passo a mais para destituir o domínio de uns poucos sobre o povo.

Os índios continuam sendo arrasados, destroçados, despersonalizados, com suas terras tomadas pelos latifundiários e mineradores. Mas quem passa por anti-nacional, impatriota, são os cidadãos, religiosos ou leigos que os apóiam, empenhando a própria vida e o que de mais caro têm.

Os camponeses, depois de sofrerem um êxodo de quase 40 milhões de pessoas em apenas 25 anos, propositadamente não controlado pelo governo a fim de fortalecer a grande propriedade, continuam morrendo às centenas e milhares pela violência, estimulada claramente por organizações empresariais e políticas, inclusive por setores da imprensa. Mas quem passa por violento e agindo na ilegalidade são seus líderes sindicais, religiosos, advogados, entidades e cidadãos que de forma geral os apóiam.

As grandes cidades, por causa do êxodo rural que as inchou sem qualquer planejamento, estão se tornando dormitório a céu aberto — dá dó andar pelas ruas de uma São Paulo à noite com velhos, crianças e mendigos em geral dormindo ao re-



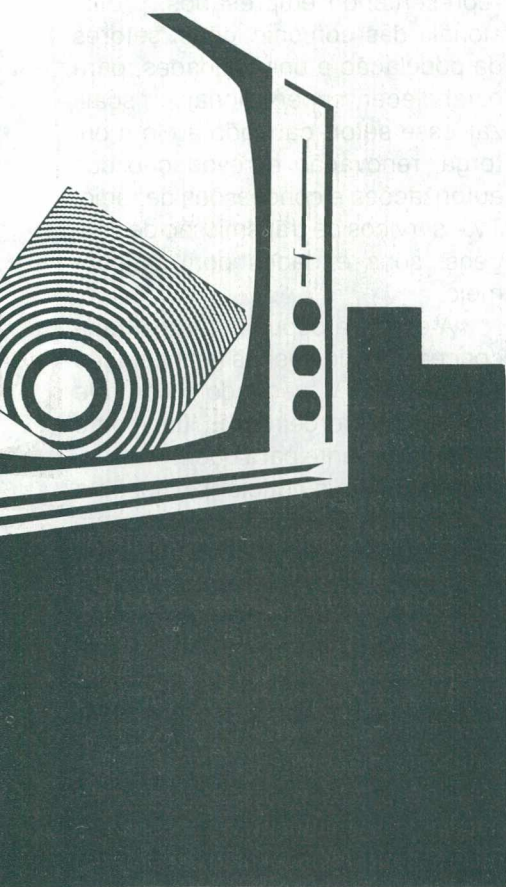
lento, não tendo sequer a possibilidade de usar as marquises dos prédios como "teto". Nem mesmo a classe média consegue hoje comprar sua habitação! O sufoco é total, dada a brutal concentração de renda por alguns. Reformas mínimas para desafogar a população e abrir um mercado de 100 milhões de brasileiros, fechado, tornam-se indispensáveis. Mas aí de quem se põe a defender essas reformas no Con-

gresso Constituinte!

Assim está nosso País hoje, com valores flagrantemente invertidos, usando-se métodos notoriamente de propaganda, para tentar convencer essa população miserável de que está bom assim, nada precisa mudar, "a livre iniciativa resolve tudo". E métodos de propaganda bem empregados são terrivelmente eficientes, especialmente quando se tem, como no Brasil de hoje, os meios de comu-

nicação (as enormes redes, que têm jornais, rádios e agências de notícia) concentrados nas mãos de poucas famílias.

Um publicitário, Roberto Menna Barreto, autor de um livro clássico sobre propaganda, no capítulo intitulado "Criando para que outros creiam...e façam!",¹ faz uma brincadeira, listando primeiro o perfil de uma personalidade péssima, cheia de baixarias etc., e outra, excelente, para começar, patriota, artista etc.



Surpreende-se o leitor vendo no final que o pior perfil corresponde ao de um dos maiores filósofos que a humanidade conheceu, Aristóteles, e o melhor ao de Hitler!

Explica o publicitário: "Não cometi uma única inverdade, um único exagero sobre nenhum dos dois. Pesquisei tudo o que podia para dizer que você "não comprou" um e "comprasse" outro. SÓ ISSO", sublinha.

E assim, segundo ele, se tiram defeitos de "produtos muito à-toa", fazendo-os "reluzir" como excelentes... E não é exatamente isso que fazem os meios de comunicação, hoje, claramente orientados nos seus informativos, comentários etc., invertendo valores, agindo como *lobbies*?

O povo controlar seus meios de comunicação também faz parte do princípio consagrado da *liberdade de imprensa*. Só em razão do direito do povo saber o que se passa, rigorosamente divulgado de forma correta, é que tem sentido a liberdade de imprensa. Do contrário, é ditadura.

Como ocupar um país sem o uso de tropas

Há uma passagem do Novo Testamento, no livro de Mateus (6,22-23), em que Jesus Cristo alerta para a importância decisiva do olho, como "lâmpada do corpo" que, se bom, ilumina o corpo, se doente, deixa o corpo escuro. "Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!"

Os meios de comunicação de certa forma são o "olho" de um país. É através deles, primeiro, que "enxergamos" a realidade mais imediata. Eles é que selecionam os fatos a divulgar, constroem as versões, destacam os enfoques. Valendo-nos, pois, do alerta de Cristo, podemos dizer que nosso corpo nacional está escuro, porque o "olho", que são nossos meios de comunicação, está doente, muito doente. E exige uma ação firme e corajosa de quem quer ver o País melhorar.

É tão grande o poder de uma família no controle de uma enorme rede de televisão (que tem também redes de rádio, jornais, e agências de notícia) que seu chefe, em rigor, tem mais poder concreto, real, do que o próprio Presidente da República, que precisa do apoio da opinião pública e dos políticos para editar decretos, leis, tomar decisões, e ser acatado.

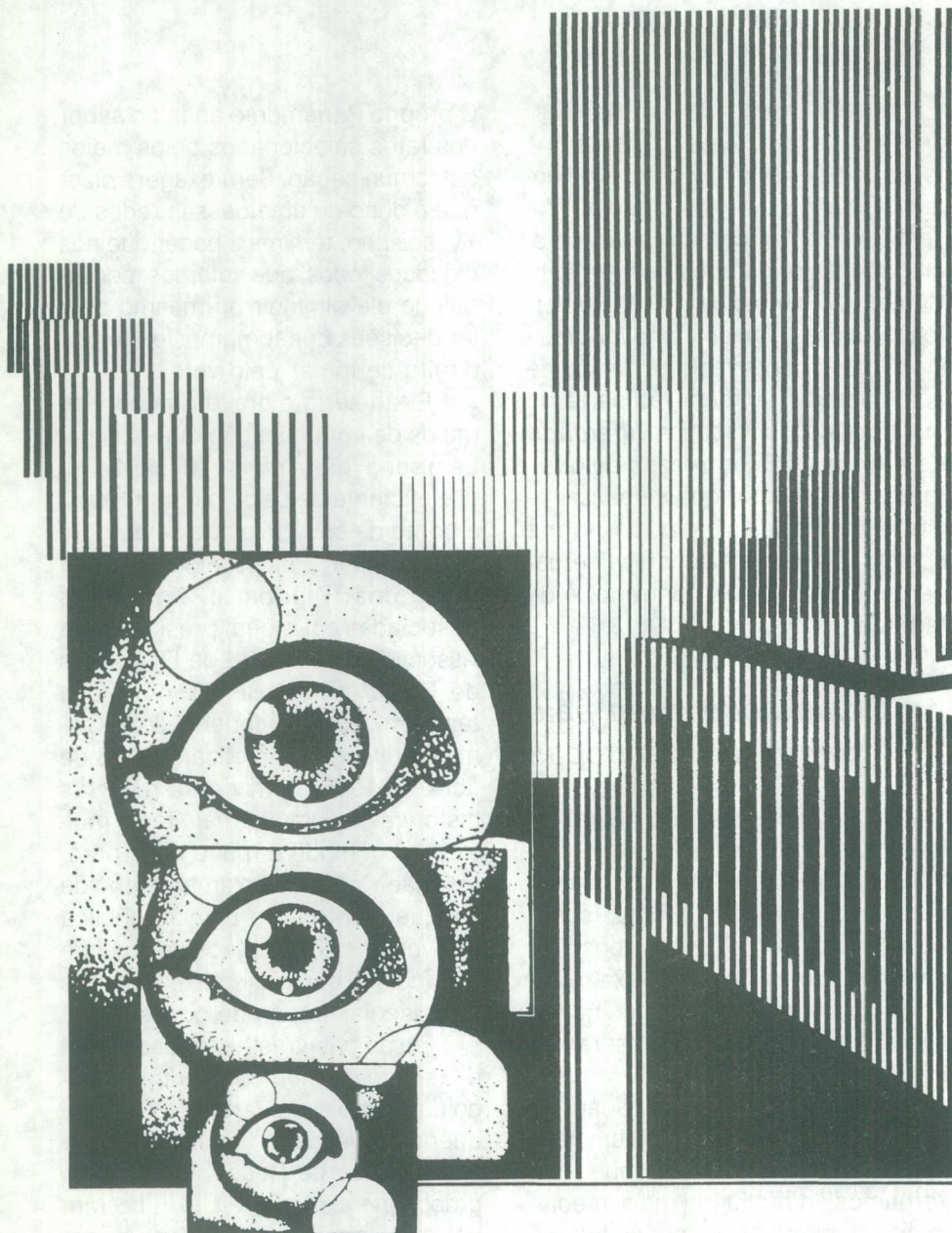
O próprio Parlamento anda ao sabor dos fatos selecionados pelos meios de comunicação. Será exagero dizer que o dono de uma dessas redes de TV, sozinho, tem mais poder que nós cidadãos todos, que votamos, conseguindo ele diminuir ou mesmo anular decisões que tomamos ou temos direito de tomar pelo voto?

É tão sério e grave o papel dos meios de comunicação que eles podem ser a forma mais silenciosa, sutil e eficiente de se dominar um país, a ponto de seu povo não se aperceber claramente disso. Foi o que o diretor dos Diários e Emissoras Associadas e também presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (ABERT), na época também deputado federal, João Calmon, conseguiu sintetizar, em 13 de abril de 1966, com essas palavras históricas: "É muito mais fácil, muito mais cômodo e muito mais barato, não exige derramamento de sangue, controlar a opinião pública através dos seus órgãos de divulgação, do que construir bases militares ou financiar tropas de ocupação".²

Essas palavras históricas foram ditas num momento histórico, quando uma Comissão Parlamentar de Inquérito investigou as ligações da então nascente Rede Globo com o grupo americano Time-Life. E fizeram parte de uma derrota histórica do povo brasileiro: apesar de comprovada a violação de nossa Constituição com a entrada de muito dinheiro americano na rede e de funcionários americanos em sua direção, a rede foi "legalizada" porque o regime militar precisava de poderosos instrumentos de divulgação que lhe fizessem "imagem", tornando-o "simpático" à população, para manter-se durante tanto tempo.³

Emendas populares para democratizar a comunicação

É tão estratégico o funcionamento do rádio e TV especialmente, que



no Brasil eles não são propriamente propriedade particular, mas sim concessões por tempo limitado, renováveis, que o poder público faz. Isso, contudo, não basta. O poder público entendeu que devia constituir enormes redes. Isso basta para mostrar que a vontade do poder público não é necessariamente a vontade da população. Muito menos respeita os direitos do povo.

Por isso, entidades de jornalistas, de trabalhadores das telecomunicações, centrais de trabalhadores, entre outras, propuseram ao Congresso Constituinte duas emendas populares, uma defendendo o mono-

pólio estatal das telecomunicações (satélite, Embratel etc.), e outra propondo a democratização dos meios de comunicação.

A segunda emenda, que é o caso dessa nossa conversa, diz inicialmente que "a comunicação é um bem social e um direito fundamental da pessoa humana e a garantia de sua viabilização é uma responsabilidade do Estado". Garante "aos cidadãos, através de instituições representativas... o direito de participar da definição das políticas de comunicação". Destaca que "a imprensa, o rádio, a televisão, os serviços de transmissão de imagens,

sons e dados por qualquer meio, serão regulados por lei, atendendo às suas funções sociais e tendo por objetivo a consecução de políticas democráticas de comunicação do País".

A emenda popular defende que os veículos de comunicação, inclusive impressos, sejam "explorados por fundações ou sociedades sem fins lucrativos". Propõe a criação de um Conselho Nacional de Comunicação, composto por 15 brasileiros natos, representando empresários, profissionais das comunicações, setores da população e universidades, para estabelecer, supervisionar e fiscalizar esse setor, cabendo a ele a outorga, renovação e revogação das autorizações e concessões de rádio, TV e serviços de transmissão de imagens, sons e dados por qualquer meio.

A emenda popular limita a cada concessionário apenas uma estação de rádio ou TV, vedando o controle indireto por terceiros. E, um ponto muito importante para quem anda insatisfeito com o noticiário, propõe a criação, em cada órgão de imprensa, de um conselho editorial com membros eleitos pelos profissionais de comunicação, para definir a linha de atuação do veículo. Coisa que hoje é feita pelo dono, só. O jornalista não tem hoje o direito de mostrar o que ele viu...

O Congresso Constituinte, por enquanto, só aceitou o princípio do Conselho Nacional de Comunicação, mas não da forma proposta. Mas se quisermos democracia no Brasil, um dos passos principais é controlar os meios de comunicação, democraticamente. Como está é que não pode ficar. ●

José Carlos Salvagni

1. Roberto Menna Barreto. *Criatividade em propaganda*. São Paulo, Editora Summus Editorial, 1982. p. 122.
2. Daniel Herz. *A história secreta da Rede Globo*. São Paulo, Editora Tchê!, 1987. Apresentação.
3. Id. *Ibid.*, (II Parte, Síntese da História da Radiodifusão no Brasil).

Participe dessa campanha pela notícia correta

Uma campanha nacional muito importante está nascendo, mas você provavelmente não saberá dela pelos grandes jornais, ou pelas cadeias de rádio e TV. Uma campanha para acabar com o monopólio do rádio e da TV por algumas poucas famílias, que também têm jornais e agências de notícia. Poderíamos chamá-los de "latifundiários da comunicação".

Uma campanha que visa também a forçar os meios de comunicação a respeitar a parte que cabe ao povo na duramente conquistada liberdade de imprensa. Ou seja, o direito à verdade, por inteiro, sem omissões, sem deformações, sem mentiras, sem comportamentos abusivos ou escusos, que ferem os direitos dos cidadãos, como vem acontecendo especialmente nesse momento da Constituinte.

Trata-se da CAMPANHA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. Ela já está em andamento, nascida do inconformismo de jornalistas, das Igrejas cristãs e de outros setores diante do que tem ocorrido em nosso País, de abusos e violências, com relação às notícias. Para começar, duas emendas populares pelo menos foram propostas, tratando do tema. Uma, que mantém o monopólio estatal das telecomunicações, conseguiu 111.192 assinaturas. Outra, proposta por sindicatos de jornalistas, saiu com muito atraso mas mesmo assim conseguiu 32.379 assinaturas, empolgando operários do ABC que muito contribuíram.

Outro fato importante, também, é que está funcionando junto ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo um Comitê pela Democratização dos Meios de Comunicação, reunindo sindicatos, partidos e entidades.



Um tribunal para julgar concessões de rádio e TVs

Mas onde a campanha tem andado mesmo com mais força tem sido nas Igrejas cristãs. A Arquidiocese de São Paulo, por exemplo, elegeu a "Comunicação" como tema pastoral prioritário junto ao trabalho e moradia. Depois de uma série de encontros já realizados, promoveu de 15 a 17 de setembro, no Centro Pastoral São José e na Catedral da Sé, a Semana de Fé e Compromisso Social, tendo por tema "Povo de Deus e Comunicação", analisando o comportamento dos meios de comunicação hoje e fazendo um levantamento dos meios alternativos existentes ou possíveis na área.

Há outros dois grandes eventos, promovidos pelas Igrejas cristãs e contando com todo o apoio dos sindicatos de jornalistas, artistas, partidos etc. O primeiro deles é o grande congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC) em São Bernardo do Campo, SP, no Instituto Metodista de Ensino Superior, de 29 de outubro a 1º de novembro, tendo por tema POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POPULAR. O segundo foi a realização, no dia 30, do

TRIBUNAL SOBRE AS CONCESSÕES DE CANAIS DE RÁDIO E TV PELO GOVERNO E O COMPORTAMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

Outro acontecimento ligado à democratização da comunicação foi realizado na PUC de Campinas, SP, de 4 a 7 de setembro passado. Dele participou a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM), que promoveu também uma série de 12 eventos técnicos paralelos com o 10º CONGRESSO INTERCOM, no qual um dos temas principais dos debates foi: CAMINHOS DA INDÚSTRIA CULTURAL: PRIVATIZAÇÃO, ESTATIZAÇÃO, MONOPOLIZAÇÃO, PLURALISMO E PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS.

Entre você também nessa campanha. Veja como

Para quem estiver interessado em participar de eventos similares ou em receber eventuais relatórios, vão aqui alguns endereços: 1) INTERCOM. Av. Lúcio Martins Rodrigues, 441, Cidade Universitária-Butantã, CEP 05651, São Paulo, SP, fone (011) 210-2122, ramal 676; 2) União Cristã Brasileira de Comunicação. Praça da Sé, 21, 6º, sala 612, CEP 01001, fones (011) 455-5000 ou 37-7610; 3) Arquidiocese de São Paulo, a/c SERCOM. Av. Higienópolis, 890, CEP 01238, fone (011) 826-0133; 4) Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, a/c Comitê pela Democratização dos Meios de Comunicação. Rua Rego Freitas, 530, sobreloja, CEP 01220, São Paulo, SP, fone (011) 256-7191, com Arlete, ou (011) 813-0749, na USP, com Fred Ghedini.

José Carlos Salvagni

O sacerdócio de todos

Pe. João R. Welsh, S. J.

“N ão tenho dúvidas de que, usasse alguém o termo ‘sacerdote’ diante de uma audiência de cristãos do século I, o que imediatamente lhes acudiria à mente seria o sacerdócio de todo cristão, de todo crente, homem ou mulher.” Assim fala o Pe. Raymond Brown, um dos biblicistas mais conhecidos no mundo por sua análise do conceito de “sacerdócio” no Novo Testamento. Comentando sobre o que diz I Pd 2,9, “sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa...”, Brown explica: “parece ter havido ênfase especial na oferta da vida, como sacrifício, por aqueles que ainda não haviam ouvido falar em Cristo”.

O que é fundamental no sacerdócio comum é, então, a dupla pista: *oferimento da vida* no sentido da dedicação dos cristãos a tudo o que o batismo implica, e *apostolado* pelas ovelhas que o Senhor Jesus “tem” mas não ainda no “seu redil”. Continua o autor citando as passagens bíblicas que deixam bem claro que os cristãos, por viverem entre os gentios (não crentes), são chamados ao apostolado de testemunhar a fé: “Para que estes (não crentes) vissem suas boas ações e glorificassem a Deus” (Mt 5,16). Noutro texto (Ap 5,9-10) Brown se refere à menção que é feita do próprio Cristo, o Cordeiro, “... resgastastes para Deus homens de toda tribo, povo e nação”, juntando-a com o apostolado dos cristãos: “Deles fizestes para nosso Deus uma realza e sacerdotes”.

Por fim, indica o autor a característica do serviço de São Paulo: “A graça que me foi concedida por Deus, para ser ministro de Jesus Cristo para os

gentios, a serviço do evangelho de Deus” (Rm 15,16). Mais explicitamente o próprio Paulo pensa que sua proclamação do Evangelho aos gentios expressa sua forma apostólica e mistério. Ao mesmo apostolado todo cristão é chamado pela consagração batismal. Resumindo, então, o significado do apostolado, ficamos convencidos de que:

- a) pelo batismo o cristão é consagrado à missão de Jesus Cristo,
- b) para divulgar a Boa Nova da salvação em seu nome,
- c) por aqueles que não acreditam e não praticam, através do testemunho de sua vida cristã.

Dessa maneira podemos entender a meta do sacerdócio comum dos fiéis em termos do seu esperado resultado.

O apostolado, acima explicitado, deriva como água da nascente, do “interior”, que permanece unido com Cristo mesmo. Lembremo-nos de que todo apostolado, assim como o sacerdócio, provém daquele que é o próprio Cristo. É a consagração permanente do cristão que dá força ao nosso apostolado, uma consagração fundada nisso: nós somos inseridos em Cristo e participamos da consagração do seu Coração.

“O coração do sacerdócio dos crentes, diz o Pe. Brown, do qual todos compartilhamos, é a doação de toda a vida, não apenas na Eucaristia, mas em tudo que se faz. Desde o momento do nosso batismo em Cristo, nossas vidas passam a constituir uma oferenda sacrificial a Deus... é um sacerdócio que oferece vidas santificadas através de tudo o que se faz.”

Não apenas na eucaristia, mas doação de toda a vida, é o que diz o Pe. Brown. No mesmo sentido do Concílio: “A vida espiritual não se adstringe unicamente à participação na liturgia” (SC 12). Entretanto, o *oferimento do dia* do Apostolado da Oração permite uma compreensão melhor do concílio e do que afirma o Pe. Brown:

Diríamos que a doação de toda a vida é uma doação eucarística (primeiramente, sem dúvida, batismal) tal que cada momento do dia é oferecido “em união com o Coração de Jesus... *continuamente* intercedendo e sacrificando-se em nossos altares” (fórmula do Oferimento). Portanto o “momento” da Eucaristia e a “doação de toda a vida” não se opõem, mas se completam.

O texto do Concílio ficaria então melhor entendido assim:

“A vida espiritual não se adstringe unicamente à participação *atual* na liturgia”. Porque, mediante o *oferimento*, continuamos, pelo dia afora, a participar *virtualmente* da Eucaristia, “em união com o Coração de Jesus... *continuamente* intercedendo e sacrificando-se *em nossos altares*”.

O que é essencial não é ficarmos a repetir, vezes sem fim, “sacerdócio comum dos fiéis”, e sim que o *exercemos*. O Apostolado da Oração é o método privilegiado de exercermos o sacerdócio comum: pelo oferecimento do dia estamos nos re-dedicando, pelas nossas vidas, à união batismal e eucarística com Jesus Cristo e com sua missão de salvação do mundo. ●

(Resumido de O Significado
Crítico da Bíblia. Brown, R.E. —
Ed. Loyola — Cap. 6)



SER PROFETA
HOJE

ÁLVARO ULCUÉ

(Equipe Claretiana de Pastoral Vocacional
— Província de Colômbia Oriental e Equador)

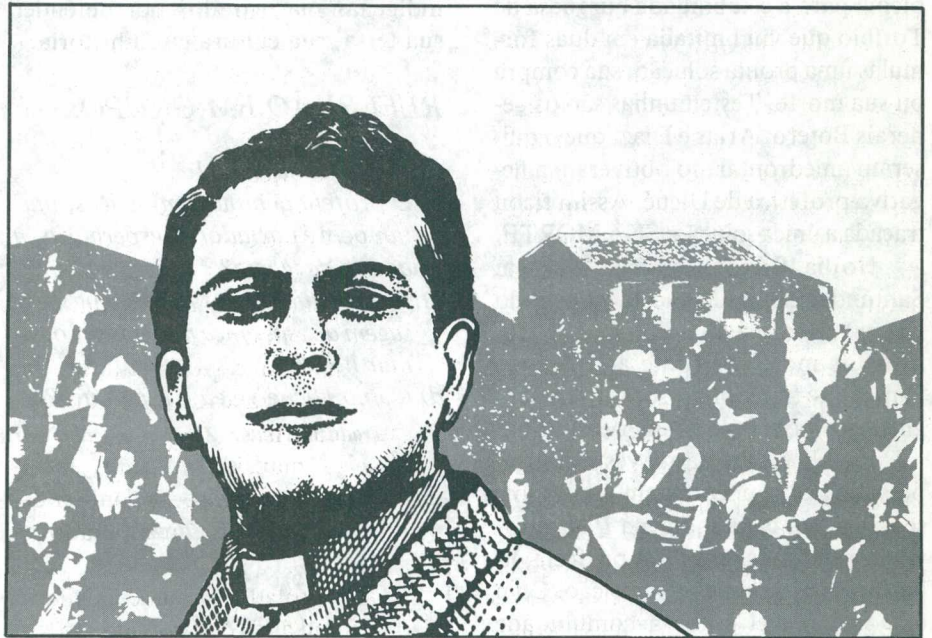
Manifestação ou casualidade? Sim! Manifestação! Nosso Pai segue demonstrando o eterno amor que tem para conosco entregando a seus filhos, HOMENS, gerados em ventres pobres e humildes como o do mesmo Cristo.

Novamente Belém sofre uma transformação geográfica situando-se agora num Departamento maravilhoso como o Cauca, Colômbia, e mais ainda em lugares simples como Pueblo Nuevo. Sim, Pueblo Nuevo, terra que viu nascer a esperança Paez, o exemplo e a imagem do Cristo verdadeiro: **ÁLVARO ULCUÉ CHOQUÉ**.

Pueblo Nuevo reúne as características que possuía Belém naquele tempo: povoado de homens abnegados, humildes e lutadores. Homens que por serem de raça e cultura indígena se lhes nega o direito à moradia, trabalho, saúde, educação e liberdade.

Aqui nasce Álvaro no lar de Soledade Choqué e José Domingos Ulcué, no dia 14 de agosto de 1943. Seus pais lhe oferecem o que uma família pobre pode dar a seus filhos: amor e fidelidade. Enfrentando muitas dificuldades e obstáculos, consegue cursar até o terceiro ano no internato dirigido pelas missionárias da Madre Laura, em Guadarrama, Medellín. Estuda até o quarto ano do curso médio no seminário dos padres redentoristas. Termina o quinto e o sexto ano em Popayán com os padres vicentinos. Em Ibagué cursa seus estudos de Filosofia e Teologia.

Entre a chuva, o frio e certa diferença ambiental recebe o sacerdócio no dia 10 de junho de 1973 em Popayán. Aqui brota uma segunda fase de seu



projeto de vida: ser autêntico sacerdote, missionário e profeta.

Converte-se no primeiro sacerdote Paez ou o primeiro “Nasa Pal” (sacerdote indígena). Agora seu primeiro objetivo é a redenção de sua raça tanto no nível espiritual como no material.

Sobre o altar mais rústico, mas com a maior alegria, Álvaro celebra sua primeira Eucaristia no dia 12 de junho na praça de Pueblo Nuevo. A história parece deter-se naquele dia no Evangelho e na incomparável homilia pronunciada em língua Paez.

Começa assim um caminho de trabalho, entrega a dedicação que mais tarde o levaria ao encontro com a morte e também com a ressurreição.

Tempos depois é nomeado vigário cooperador de Caldono, Bolívar e San-

tander de Quilichao; e ainda pároco de Toríbio e administrador paroquial de Tacueyó, demonstrando sua imensa capacidade de serviço e entrega a seu povo.

No transcurso de sua vida sacerdotal impulsionou inúmeras atividades projetadas para a promoção da comunidade Paez, tais como: cursinhos de lingüística, formação de escolas bilíngües, construção de centros de saúde, mutirões para construção de casas, mecanização agrícola, recuperação de terras, festivais de música indígena e catecismo bilíngüe.

Sua vocação de profeta o levou a denunciar sem vacilar o injusto comportamento de fazendeiros e caciques de Toríbio, firmando assim sua cruenta execução.

Álvaro foi vítima de muitos atentados e de inescrupulosas ofertas por parte daqueles que foram os autores diretos do sofrimento Paez. Várias vezes intentaram comprar sua consciência de indígena e cristão. Entretanto, sua opção e compromisso permaneceram firmes. E então, nada nem ninguém pode interpor-se no caminho da luta libertadora por e com seu povo.

Sua entrega chegou a ser tão plena que Álvaro representou um grande problema para a estabilidade burguesa de Torfóbio que viu limitada em duas fórmulas uma pronta solução: sua compra ou sua morte. Testemunhas são os generais Botero, Arias e Díaz, que o quiseram amedrontar; só obtiveram a negativa profética de Ulcué. Assim ficou traçada a única solução: SUA MORTE.

No dia 10 de novembro de 1984, em Santander de Quilichao (ao norte do Cauca) Álvaro é abatido por dois homens de moto, defronte ao albergue Santa Inês; transforma-se assim em sangue e profecia para a América Latina.

Pueblo Nuevo não se veste de luto, pois Álvaro se encarna em seu povo e se revela em cada indígena Paez através de seus dons: pobreza, profecia, libertação, martírio e ressurreição. Com este inaceitável crime a comunidade Paez reafirma ainda mais seu compromisso e seu dever cristão: construir uma sociedade nova para um homem novo. O espírito de Álvaro vive no Cauca e na Colômbia, em Santander de Quilichao e na terra Paez. Seus seguidores continuam na luta entregando a vida com ele; e, agora, os que o viram cair para sempre o verão erguer-se na história de seus irmãos indígenas.

Álvaro esteve no I CONGRESSO INDÍGENA NACIONAL, celebrado no Colégio Claretiano de Bogotá, em fevereiro de 1982. Era um indígena a mais entre os 1.800 que se congregaram nessa oportunidade. Durante a homilia da Missa que celebrou para seus irmãos cristãos, assinalou o processo de Páscoa, morte e ressurreição, que a organização indígena autônoma que estava nascendo deveria sofrer. Há 20 dias haviam assassinado uma irmã sua e ago-

ra sua própria vida estava em jogo. Por isso um grupo indígena e as missionárias Lauritas se converteram em seus guarda-costas. Álvaro chamava às missionárias Lauritas seus "anjos da guarda". Na verdade nunca o abandonaram em suas excursões missionárias.

Agora as missionárias Lauritas guardarão a herança profética de Álvaro. E seguem em pé de testemunho, junto ao povo Paez, indômito e perseverante, que reclama a honra de dezenas de indígenas martirizados por defender sua terra, sua cultura e sua história.

REFLEXÃO EM GRUPO:

- Ler Jeremias 31,31.
- O profeta denuncia injustiças, mas também é portador de esperanças; a que se deve isto?
- Ante a situação dos jovens, que mensagem de esperança podemos proclamar hoje?
- Como Ulcué viveu a esperança?

Traduziu: Mauro Zequin Custódio, cmf

Quer ser Religioso?



Como Sacramentino:

- padre
- irmão
- irmã

você viverá da EUCARISTIA para a EUCARISTIA, sacramento de comunhão e libertação.

INFORMAÇÕES

Sacramentinos

Rua Moreira e Costa, 474
CEP 04266 SÃO PAULO - SP
Rua Sergipe, 175 CEP 30.130
BELO HORIZONTE - MG
Caixa Postal, 1134 CEP 60.000
FORTALEZA - CE

Servas do Santíssimo Sacramento

Rua Divinópolis, 545
04158 SÃO PAULO - SP

VOCÊ, QUE SE SENTE
CHAMADA A SER
RELIGIOSA
EDUCADORA,
PROCURE-NOS.

NOSSA MISSÃO:

Educar a infância e a juventude, principalmente nas escolas.

NOSSA ESPIRITUALIDADE

Baseada em:

CRISTO MESTRE: "IDE E ENSINAI"

MARIA: Nossa Senhora da Conceição.

EUCARISTIA: Cristo presente entre nós.

Presentes em:

Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais,

Rio de Janeiro e São Paulo.

Endereço para correspondência:

SECRETARIADO
VOCACIONAL

Rua Humberto I, 395
04018 - São Paulo - SP
tel: (011) 570-2667

IRMÃS
CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS DO
ENSINO

Educando a infância
e juventude



Estão falando mal de você!

Eu não sei se fico triste ou se me alegro com o que vem acontecendo ultimamente com a nossa querida *Ave Maria*. Estão falando mal dela.

Nossos leitores certamente estarão perguntando, intrigados: você diz que estão falando mal da revista, que é um patrimônio inalienável do catolicismo no Brasil e na qual você escreve, e diz que não sabe se fica indignado ou se fica feliz. Estranho!

Pois olhem, eu não tenho mesmo certeza de meus sentimentos no caso. E até acredito que cabem os dois sentimentos.

Para que possam entender, vou explicitar essas críticas. Elas têm partido de tradicionais leitores de nossa revista que não se conformam em vê-la abordando temas sociais e perfilando teses da Teologia da Libertação. As que têm chegado ao meu conhecimento provêm do interior dessa nossa querida Minas Gerais e são publicadas em uma coluna que se diz católica, de um dos jornais da nossa Capital.

Por um lado, fico muito triste ao ver católicos de tradição, e alguns de muito boa fé, acusando a *Ave Maria* de estar traíndo as suas origens e sua história e distorcendo a mensagem da Igreja.

Por outro lado, eu me alegro porque criticam nossa revista exatamente por aquilo que ela tem de melhor, ou seja, a lucidez e a coragem de ser fiel à mensagem da Igreja de hoje, que é uma mensagem e uma luta de autêntica libertação evangélica.

Realmente, em sua longa e rica história, nossa *Ave Maria* teve momentos de grande destaque na imprensa católica brasileira e momentos menos brilhantes. Mas a constante maior de sua trajetória foi a de ser fiel à mensagem do Evangelho, vista e vivida pe-

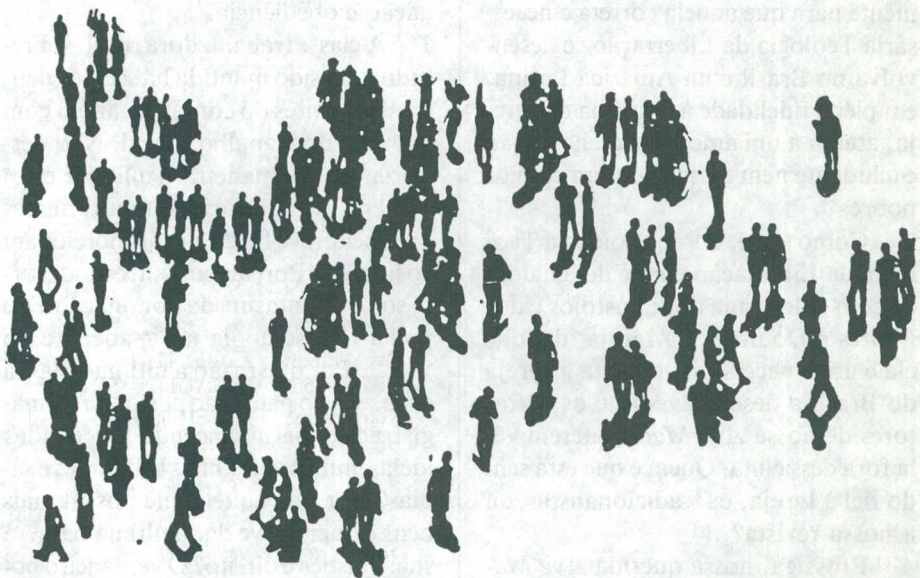
la Igreja, sob a inspiração de Nossa Senhora. Nisto consistem todo o seu sentido de existir e toda a sua grandeza.

Ora, é exatamente isso que ela procura, com lucidez e diligência, fazer hoje. E convenhamos que não é fácil realizar tal proeza em nossos dias. Os caminhos hoje não são claros como se imaginava em outros tempos. A fidelidade hoje se faz na procura e no diálogo, nem sempre fáceis.

De fato, o que significa evangelizar hoje? Significa levar ao povo a mensagem integral do Evangelho, com todas as suas dimensões e não apenas na dimensão puramente espiritual. E não sou eu que afirmo isso. É a Igreja, no documento oficial sobre a evangelização. Eis o que diz: “*A evangelização é incompleta quando não traz uma mensagem explícita sobre a vida comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desen-*

volvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação. Entre evangelização e promoção humana — desenvolvimento e libertação — existem laços profundos de ordem eminentemente evangélica, a qual é ordem de caridade. Realmente, como se poderia proclamar o mandamento novo, sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e autêntico progresso do homem?” (Evangelii Nuntiandi, n.ºs 29 e 31).

Com honestidade, não consigo entender como se tem coragem de acusar uma revista católica por defender a pastoral e a Teologia da Libertação! Será que esses acusadores não tomam conhecimento dos documentos da Igreja e do Papa? É de todos sabido que nosso querido papa João Paulo II escreveu uma carinhosa carta aos bispos do Brasil, reunidos em Itaici, na qual ele reconhece não só a importân-



cia mas também a necessidade da Teologia da Libertação para a América Latina e para o Terceiro Mundo em geral.

Vejam os alguns tópicos desse precioso documento: “Estamos convencidos, nós e os Senhores, de que a *Teologia da Libertação* é não só oportuna, mas *útil e necessária*. Ela deve constituir uma nova etapa daquela reflexão teológica iniciada com a Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores e com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja”.

E continua: “Penso que a Igreja no Brasil possa desempenhar um papel importante e delicado: o de criar espaço e condições para que se desenvolva uma reflexão teológica plenamente fiel ao constante ensinamento da Igreja em matéria social e, ao mesmo tempo, *apta a inspirar uma práxis eficaz em favor da justiça social e da salvaguarda dos direitos humanos*.”

Tal papel, se cumprido, será certamente um *serviço que a Igreja pode prestar ao País e ao quase continente latino-americano, como também a muitas outras regiões do mundo onde os mesmos desafios se apresentam com análoga gravidade*.

Deus os ajude a velar incessantemente para que aquela correta e necessária Teologia da Libertação se desenvolva no Brasil e na América Latina, em plena fidelidade à doutrina da Igreja, atenta a um amor preferencial não excludente nem exclusivo para com os pobres”.

Como se vê, o Papa coloca a Teologia da Libertação em pé de igualdade com a doutrina dos apóstolos e dos Padres e Doutores da Igreja, diz que ela é útil e necessária, concita a Igreja do Brasil a desenvolvê-la, e os detratores de nossa *Ave Maria* querem vê-la fora dessa luta. Quem é que está sendo fiel à Igreja, os tradicionalistas, ou a nossa revista?...

Prossiga, nossa querida *Ave Maria*. Você está no caminho certo!

Pe. Isidoro De Nadai, cmf

Poder, Carisma e Serviço



É muito comum observarmos, especialmente entre as pessoas ditas mais simples, certa submissão e aceitação passiva das ordens e imposições que vêm de algum líder, seja ele religioso, político ou econômico. Junto desta submissão constatamos certo desprezo pelo estudo e trabalho administrativo e técnico, por toda forma de liderança e participação mais ativa. Por várias razões há pessoas que preferem pensar que a uns foi destinado o estudo e eventual poder, enquanto a outros a resignação e obediência.

A classe trabalhadora rural, sobretudo, tem sido mantida há séculos dentro dos limites do contato manual com a terra e do trabalho braçal. Não desprezamos de maneira nenhuma estes afazeres; ao contrário, estamos cientes da sabedoria e força que proporcionam ao homem. Porém, por outro lado, corre solto o fantasma da dominação e do poder que se apóia no “saber” e no “ter”. Por que razão a última palavra deve ser a do padre, do pastor ou do magistrado, permanecendo sufocadas idéias muitas vezes mais brilhantes e sábias? Por que aquele que possui mais bens é quem deve dar a última palavra sobre justiça e direito? O verdadeiro poder e a verdadeira autoridade não nascem do poder aquisitivo e nem podem ser mantidos por este, nem pela sôfre-

ga chance de cursar faculdade. O verdadeiro poder é o carismático, o que é dom, “aquele que vem do alto”, como afirmou o filho do carpinteiro. O Magistrado certamente sentiu-se abalado em suas bases ao ouvir esta sentença, e muitos outros também ficariam se ouvissem hoje da mesma forma. Não pode nenhuma instituição ou pessoa vangloriar-se ou fazer uso de suposta autoridade enquanto não se fizer pessoa-serviço. Não podem o Estado, a Lei, a Igreja dar ordens a partir do suposto poder que lhes cabe por direito, enquanto não se fizerem entidades-(pessoas)-serviço.

O analfabetismo, a miséria, a fome e a morte são reflexos diretos da ânsia de poder e do abuso do mesmo pelas potestades de nossos dias. A desigualdade social, cultural e econômica, como também a submissão forçada das pessoas, trazem em si marcas do sangue derramado pelo mal disfarçado senhorio, pelas maldisfarçadas autoridades e pelo maligno poder econômico e cultural. Todo poder desviado do carisma torna-se perigoso, como já refletira o Bispo Agostinho: “O que eu sou por vocês é uma graça, mas o que eu sou para vocês é um perigo”. Desta forma, o verdadeiro poder é o que se faz dom de serviço (CIC).

M. R. D.



Nossa Senhora do Livramento — MT

Reiniciamos neste número a seção “CIDADES DO MEU BRASIL”, com a finalidade específica de neste ano mariano publicarmos cidades cujos nomes tenham relação com Nossa Senhora. É mais uma homenagem que a revista AVE MARIA presta à Mãe de Deus no corrente ANO MARIANO.

Devido ao abundante ouro na região, Sebastião Ayre e Damião Rodrigues, após longa caminhada, acamparam para descanso a mais ou menos 40 quilômetros de Cuiabá. Encontrando logo pepitas de ouro no ribeirão dali, que denominaram de “Ribeirão dos Cocais” (nome ainda atual), por causa da enorme quantidade de coqueiros babaçu e acuri existentes no local, aí se fixaram.

Foi então erguida uma capela sob a invocação de São José, passando o lugar a ser conhecido como “São José dos Cocais” (hoje só existem as ruínas da capela). As roças foram se ampliando. Em 1730, a mais ou menos 6 léguas de Cuiabá e 3 quilômetros de São José dos Cocais, no mês de maio, os faiscadores, penetrando o serrado adentro, descobriram novos veios auríferos vindo até onde hoje se encontra Livramento. Esta cidade, erguida sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem foi esculpida em Portugal no ano de 1737, passou a ser chamada de Nossa Senhora do Livramento. O município foi criado oficialmente em 20 de maio de 1883, mas só foi instalado em 7 de junho de 1884.

A área atual do município é de 6.315 km² e sua população é de 12.661 habitantes.

Tem um clima tropical úmido, com chuvas de novembro a março, sendo mais intensas em janeiro e fevereiro. É uma região rica em madeiras



Vista parcial da cidade de N. Senhora do Livramento, MT

de lei, plantas frutíferas silvestres, animais de pequeno porte e riquezas minerais.

O município de Livramento se limita com Poconé, Barão de Melgaço, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande, Acorizal, Rosário Oeste, Barra do Bugres e Cáceres.

A sede do município, distante 37 km de Cuiabá e 62 km de Poconé, localiza-se à margem esquerda do Ri-

beirão do Senhor Menino, que abastece uma represa da qual a população se serve. A altitude é de 171 metros. Liga-se a Cuiabá pela rodovia MT 111 e BR 364.

O comércio é pouco desenvolvido, mas há 2 fábricas de farinha de mandioca, uma de telhas e tijolos, uma máquina de beneficiar arroz e uma serra-ria. Há também 12 escolas rurais e o município mantém 47 escolas.



Possui assistência médico-sanitária e social.

Há uma belíssima igreja católica, quatro protestantes e um centro esportivo.

Como principais fatos sociais podemos citar: o Centro Familiar, onde as famílias promovem reuniões sociais, e o Clube Visão Alegre, onde todos os sábados são promovidas festas de cunho social. Há também as festas religiosas de Nossa Senhora do Livramento e São Benedito, esta última mantendo até hoje a Dança de Congo.

Na casa da Cultura e do Artesão, os visitantes encontram toda a linha de artesanato livramentense.

(Dados fornecidos pela jornalista Cilo Torres Seixas, da Secretaria de Divulgação e Relações Públicas)

Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, nar de dados, fatos e informações da mesma para a revista *Avé Maria* e serão publicados.

O espírito de Deus e o espírito do mundo



PALAVRA DO PAPA

“Ao contemplar esta grande cidade com os seus muitos povos e culturas, peço que vos *ajudeis em tudo mutuamente com os vossos dons*. Permanecei em contato com as vossas origens, as vossas culturas e as vossas tradições; transmiti a vossa herança aos vossos filhos; e ao mesmo tempo, ponde todos estes dons ao serviço de toda a comunidade.

O trabalho de edificação do Corpo de Cristo depende de todos nós na Igreja. Certamente, há uma necessidade vital hoje de *evangelização*. E ela toma uma variedade de formas. Há muitos caminhos para servir o Evangelho. Apesar do progresso científico e tecnológico, que reflete verdadeiramente uma forma de cooperação humana no trabalho da criação de Deus, a fé é desafiada e muitas vezes diretamente contrariada por ideologias e estilos de vida que não reconhecem nem Deus nem a lei moral.

Os valores básicos humanos e cristãos são desafiados pelo crime, pela violência e pelo terrorismo. A honestidade e a justiça na *atividade e vida pública* são muitas vezes violadas. Em todo o mundo grandes somas são gastas em armamentos, enquanto milhões de pobres lutam pelas necessidades básicas da vida. O abuso do álcool e da droga dá origem à mortalidade dos *indivíduos e da sociedade*. A exploração comercial do sexo mediante a pornografia ofende a dignidade humana e põe em perigo o futuro dos *jovens*. A *vida familiar* está submetida a fortes opressões, como a fornicação, o adultério, o divórcio e a contracepção que são erradamente considerados por muitos como aceitáveis. Os nascituros são cruelmente mortos e as vidas das pessoas de idade mais avançada correm sério perigo, devido a uma mentalidade que deseja abrir de par em par a porta para a eutanásia.

Perante tudo isto, porém, os cristãos fiéis não devem desencorajar-se, nem devem conformar-se com o espírito do mundo. Pelo contrário, são chamados a reconhecer a supremacia de Deus e da sua lei, a elevar as suas vozes e unir os seus esforços em favor dos valores morais, a oferecer à sociedade o exemplo da sua reta conduta, e a ajudar os necessitados. Os cristãos são chamados a agir com a serena convicção de que *a graça é mais forte do que o pecado* devido à vitória da Cruz de Cristo.”

(Em Miami, na homilia da missa no Parque Tamiami — 11/09/87)

Senhor,
o nosso coração
está inquieto...

(S. Agostinho)

Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?

VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

ALCOOLISMO: A doença que pode aniquilar

AL-ANON: A irmandade que pode salvar

Alice estava desesperada. Toda noite seu marido chegava em casa cambaleando. Batia nela freqüentemente e aterrorizava as crianças. Chegava ao ponto em que, às vezes, ela agarrava o marido e manobrava-o — com seus 98 kilos — até a porta do porão, empurrando-o para dentro e tentando virar a chave antes dele se dar conta do que estivesse acontecendo.

Ela havia tentado lidar com o problema. Havia tentado apelos, ameaças, tudo. Agora, mal conseguia viver. Estava à beira de um colapso nervoso. Havia ouvido falar de alcoolismo na televisão e havia lido um folheto sobre Alcoólicos Anônimos. Tentou convencer Jaime a assistir a uma reunião de AA mas ele recusou, dizendo: “Essas reuniões são para alcoólatras! Que interesse teriam para mim?”

Finalmente, Jaime foi preso, alcoolizado, depois de uma briga. Na delegacia, alguém perguntou a Alice se ela havia ouvido falar em Al-Anon. “Na Al-Anon fazem reuniões para familiares de bebedores-problema”, explicou a pessoa. “A ajuda de Al-Anon é gratuita.”

Vários meses depois, Jaime ainda estava bebendo e ainda aprontando. Mas os amigos e vizinhos começaram a notar algo diferente em Alice. Parecia mais calma, menos perturbada, mais em paz consigo mesma. Pouco tempo depois, Jaime aceitou se tratar.

Doença da família

A aceitação popular da idéia de que o alcoolismo é uma doença e não um indício de degeneração moral tem demorado muito a chegar. Ainda está longe de ser universal. O alcoolismo não só é uma doença mas uma doença da família, que afeta negativamente a esposa do alcoólatra, seus filhos e qualquer outra pessoa que com ele conviva diariamente.

Alice é uma “co-alcoólatra”. Não uma alcoólatra em si, mas é tão afetada pela doença que ela também se tornou doente.

Existem vários programas para o alcoólatra que se reconhece doente e quer se recuperar. Entre eles, o AA já se tornou famoso no mundo inteiro. E a co-alcoólatra? Aonde pode ela se dirigir?

No fim dos anos 30 e no início dos 40, quando Alcoólicos Anônimos estava ainda engatinhando, familiares dos alcoólatras no programa reconheceram que as esposas e os maridos necessitavam de ajuda tanto quanto os bebedores-problema. Acabaram organizando Grupos Familiares de Al-Anon.

Aprendendo a não odiar

Enquanto a finalidade dos AA é conseguir que seus membros parem de beber e não retomem o vício, o programa de Al-Anon visa a ajudar o cônjuge e os filhos a se livrarem de seus sentimentos de culpa e deixar que suas vidas girem em torno da doença do alcoólatra e, acima de tudo, reconhecer que o alcoolismo é uma doença. Estes conhecimentos podem ajudá-los a controlar o que de outra forma poderia se tornar uma raiva inútil.

Você não odiaria seu marido se tivesse tuberculose ou diabetes, dizem os veteranos de Al-Anon aos recém-chegados. Portanto, não deve odiá-lo por ter uma outra doença que não é culpa dele. Por outro lado, explicam os que freqüentam as reuniões de Al-Anon, você precisa aprender a não deixar que a aflição

dele estrague a sua vida.

Embora o grupo concorde que é desejável que o alcoólatra procure se tratar, a finalidade de Al-Anon é ajudar os familiares de bebedores-problema, independente de conseguir a sobriedade para o alcoólatra. O programa tenta ajudar o cônjuge a resolver seus problemas, mesmo que o alcoólatra continue bebendo, inclusive porque as coisas que se aprendem em Al-Anon invariavelmente ajudam a levar o alcoólatra a procurar tratamento. Estima-se que a metade dos que freqüentam Al-Anon convivem com um alcoólatra que continua bebendo.

Muitas autoridades no campo do alcoolismo consideram que, se a esposa ou o marido de um bebedor-problema conseguiu melhorar sua atitude perante o problema, isto ajudará o alcoólatra também. O programa de Al-Anon é eficaz porque ajuda a mudar o ambiente em que vive o bebedor, o que é muito importante para endireitar o próprio alcoólatra.

Para saber onde fica o grupo de Al-Anon mais perto de você no Brasil, telefone para (011) 229-4688 ou (011) 228-7425, em São Paulo. Ou escreva para:

Al-Anon
Caixa Postal 2034
01000 São Paulo — SP

(continua no próximo número)



CHÁCARA REINDAL Especializada em alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)



O “viver” e o “sentido da morte”

Ao dar os pêsames, é comum ouvirmos afirmações do tipo:

— Veja, de que adiantou? trabalhou... tanto e agora, está aí deitado pra sempre!...

— Para que se preocupar tanto em ser bom, em fazer corretamente as coisas, se a morte vem e... zapt!... todo o esforço fica perdido...

— Não acredito em Deus. Se existisse não iria permitir que uma pessoa tão útil morresse!

Refletindo cuidadosamente iremos descobrir que o sentido da morte se entrelaça com o sentido da vida. Não é verdade que a “morte” tira o sentido da “vida”. Se a vida não fosse finita, se vivêssemos para sempre, o que provavelmente ocorreria? — Adiaríamos os nossos projetos pessoais (é bem possível que nem os formulássemos); posporíamos *ad aeternum* cada uma de nossas ações.

A idéia da morte, de que chegaremos a um fim, é como sineta de alerta para que nos preocupemos em dar significado à nossa existência. Os minutos, as horas, os dias, os anos, se sucedem. Não há retorno. O hoje tem que ser vivido de maneira plena e responsável. Responsabilidade para conosco e para com o próximo. Para que não nos arrependamos do que não fizemos, ou do que fizemos incorretamente. Só se vive uma vez. Mesmo quando temos chance de voltar à mesma situação ela será diferente, pois não seremos os mesmos. Não serão as mesmas as nossas percepções e emoções.

A busca do sentido de vida confunde-se com a busca da própria autenticidade, com a transformação interior. É a busca dos seus valores. É a aceitação humilde das suas imperfei-



ções. É o procurar a si mesmo para melhor se doar aos seus semelhantes e a Deus.

Ter “sentido de vida” é ter alegria. A alegria de viver é resultante do encontrar-se, do realizar-se. É a alegria de “ser”. É a realização plena no hoje, para confiar no amanhã e não se culpar pelo passado. É confiar em si, no outro e na própria vida. É buscar a Deus. É preparar-se para a eternidade. Não é buscar a eternidade nas coisas passageiras.

O que podemos observar é que, quanto mais satisfatória for a vida, mais tranqüila será a aceitação da morte.

Os que se revoltam contra Deus deveriam refletir que Deus é o “Criador”, não o “Destruidor”. O que ele promete ao homem é a eternidade e a imortalidade. Deus não promete a morte. A mensagem de Cristo, no Evangelho, é uma mensagem de vida.

— Vim para que possam ter vida e para que a tenham em maior abundância (Jo 10,10).

— Eu sou a Ressurreição e a Vida. Aquele que crê em mim, ainda que

esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá (Jo 11,25-26).

Por outro lado, devemos procurar entender e aceitar nossos sentimentos ante a morte. Há a dor pela perda das pessoas que amamos e, ao mesmo tempo, certo ressentimento porque elas nos abandonaram. Não negar esses sentimentos, julgando-os vergonhosos. Da mesma maneira, não temer ou negar a realidade da morte. O sofrimento tem um sentido positivo, faz-nos crescer. É importante lembrarmos que “não se perde jamais a quem se ama”. A pessoa amada, mesmo não estando presente fisicamente, continua a existir em nós, através de nossas vivências. Está irrefutavelmente incorporada à nossa história. Viverá pela lembrança e voltará sempre que necessitarmos dela.

Quanto à preocupação ansiosa com a nossa própria morte, nada melhor do que nos atermos à leitura do Evangelho de João:

— Não se perturbe o vosso coração... Na casa de meu Pai há muitas moradas... pois vou preparar-vos um lugar... Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14,1-2.6).

— ... Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á; mas quem odeia a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna (Jo 12,24-25).

— Presentemente a minha alma está perturbada. Mas que direi?... Pai, salva-me desta hora... Mas é exatamente para isso que vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome! (Jo 12,27-28)

CEIA NATALINA

APERITIVO: CHAMPAGNOLA DE PÊSSEGO

Ingredientes:

1 lata de pêssego em calda
1 lata de creme de leite
1 garrafa de champanhe
gelo picado

1. Bata no liquidificador os pêssegos com a metade da calda e o creme de leite.
2. Coloque na jarra de servir e junte aos poucos a champanhe.
3. Mexa com uma colher e junte o gelo picado.
4. Deixe na geladeira até o momento de servir.

ENTRADA: SALADA DE ATUM E PIMENTÃO

Rendimento: 5 a 6 porções.

Ingredientes:

1 lata de atum
1 1/2 xícara (chá) de arroz cozido
1/3 de xícara (chá) de maionese
1 colher (sopa) de suco de limão
1 colherinha de molho de pimenta
2 pimentões vermelhos
(ou tomates), alface

1. Pique o atum.
2. Misture o atum com o arroz, a maionese, o limão e a pimenta.
3. Ponha as colheradas em forminhas individuais, apertando bem para tomar forma.
4. Vire sobre um prato forrado com alface picada.
5. Enfeite com pétalas cortadas dos pimentões (ou tomates)

PRATO PRINCIPAL: TENDER COM ABACAXI

Rendimento: 12 porções

Ingredientes:

1 tender de 2,5 a 3 quilos
cravos-da-índia
açúcar mascavo
suco de 1 abacaxi
1 garrafa de vinho branco
Decoração: abacaxi e cereja
em calda a gosto

1. Com uma faca bem afiada faça talhos profundos e finos no tender, formando losangos.
2. Espalhe o açúcar mascavo em toda a superfície e coloque um cravo em cada cruzamento dos losangos.
3. Molhe o tender com o suco de abacaxi e coloque-o numa assadeira com a garrafa de vinho branco.
4. Deixe assar em média por 40 minutos.
5. Junte as rodela de abacaxi e deixe no forno por cerca de meia hora.
6. De vez em quando vá regando o tender com o molhó que está na assadeira.

ACOMPANHAMENTO: PURÊ DE MAÇÃS

Rendimento: 12 porções

Ingredientes:

6 maçãs
1 colher (chá) de açúcar
1 colher (chá) de raspas de limão
1/2 lata de creme de leite
1 colher (sopa) de suco de limão

1. Descasque as maçãs, retire as sementes e corte-as em pedaços pequenos.
2. Junte 1 xícara (chá) de água e leve ao fogo alto para cozinhar.
3. Depois de cozidas, bata-as no liquidificador, junte o açúcar, as raspas de limão e leve de volta ao fogo, mexendo sempre até obter a consistência de purê.
4. Misture então o creme de leite, o suco de limão e aqueça sem deixar ferver.

SOBREMESA: PUDIM DE NATAL

Rendimento: 12 porções

Ingredientes:

1 xícara (chá) de açúcar
1 lata de leite condensado
2 vezes a mesma medida de leite
3 ovos
1/2 xícara (chá) de vinho branco
1 pacote de biscoito champagne
1 xícara (chá) de passas e frutas
cristalizadas picadas

1. Caramelize uma fôrma para pudim com o açúcar e reserve.
2. Bata no liquidificador o leite condensado, o leite, os ovos e o vinho.
3. Retire do liquidificador e misture com o biscoito, as passas e as frutas cristalizadas.
4. Despeje na fôrma caramelizada, cubra com papel alumínio e cozinhe em banho-maria, na panela de pressão, por 20 minutos.
5. Espere esfriar, leve à geladeira.
6. Desenforme só depois de gelado.

A palavra de Deus na liturgia eucarística

1º DOMINGO DO ADVENTO (ANO B) — 29/11/87

VIGIAI, O LIBERTADOR VEM COMO REDENTOR



1ª LEITURA: *Is 63, 16b-17. 19b*. Este trecho é uma oração muito comovente, é um misto de lamentação, de súplica ardente e de ato penitencial. O apelo à paternidade divina cria um tom íntimo e familiar e permite que o autor, para expressar os sentimentos de dor e angústia ante o pro-

longamento da triste situação, faça interrogações e exclamações a Deus. Deus é Pai e só dele pode vir a salvação.

2ª LEITURA: *1Cor 1,3-9*. Paulo passa a render graças a Deus pelos benefícios concedidos à comunidade cristã de Corinto por intermédio de Cristo. A fidelidade divina é fator de salvação no dia do retorno glorioso de Cristo. Paulo faz alusão ao juízo final e à vitória dos bons. O dom de Deus é para o fiel, fonte de segurança, esperança, isto é, da certeza de que Deus o sustentará na expectativa da manifestação definitiva de Cristo.

EVANGELHO: *Mc 13,33-37*. Marcos nos mostra que o discurso de Jesus já não se dirige somente aos discípulos, mas a todos os cristãos. O cristão que vive na espera do Senhor, que age nos acontecimentos, deve assumir as próprias responsabilidades. Esta parábola é aplicada à segunda vinda do Senhor, que vai completar a obra iniciada por ocasião da primeira.

COMENTÁRIO: Com o primeiro domingo do Advento iniciamos mais um ano litúrgico. Mais um Natal que nos é dado a celebrar. Para celebrá-lo somos convidados, através das celebrações litúrgicas deste período, a uma preparação séria, fecunda e renovadora. A certeza da vinda do Filho do Homem ou a volta de Jesus libertador no fim do mundo e a incerteza quanto ao tempo da mesma colocam o cristão em vigilância. Uma vigilância atuante e fecunda, cheia de manifestações históricas e concretas desta libertação, deste Reino, do qual ele tanto falou e foi sua inauguração entre nós. A vontade do Pai e o seu Reino é a intenção fundamental de Jesus. A vontade do Pai é o bem do homem e este Reino apresenta um caráter de totalidade, de universalidade. É um projeto de total libertação de tudo o que oprime, aliena, diminui, nega o homem. O reino de Deus apresenta-se como uma proposição de um projeto de total libertação. Este projeto de total libertação que Jesus apresenta como fundamental em

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical — Edições Paulinas.

sua pregação e maneira de ser, por ele chamado Reino de Deus, é algo utópico, escatológico, de futuro, é dom, é obra do Pai. É obra e fruto da luta e esforço dos cristãos conscientes e de todos os homens de boa vontade. Viver o Advento, celebrar o Natal é alimentar este espírito, é reavivar esta inspiração, é reacender este princípio de esperança. Temos de ver qual é nosso compromisso com este Cristo que vem. Nosso compromisso é com a comunidade, é nossa participação na oração comum, na Eucaristia, na catequese. Estes compromissos são para nós não uma, mas muitas vindas de Cristo. Presenciamos sua vinda em nossos irmãos que se abrem à fé; vem a nós dando força e sabedoria; vem em nossa oração dando-nos a certeza íntima de sua presença. O Reino de Deus se concretiza no momento histórico como exigência de compromisso do ser cristão. O Reino de Deus clama mais solidariedade, participação, disponibilidade, amor. Se implantarmos o Reino de Deus aqui e agora, teremos mais vida feliz, alegria, amor, união: reinará entre nós a paz.

Hélio Aparecido Alves de Oliveira, cmf

2º DOMINGO DO ADVENTO (ANO B) — 06/12/87

CHAMADOS A PROFETIZAR



1ª LEITURA: *Is 40, 1-5.9-11*. Por sua palavra o profeta restitui aos judeus que se encontram fora de sua terra a esperança e a confiança em Deus. Deus se coloca à frente de seu povo, tirando-o da escravidão e reconduzindo-o à sua pátria.

O motivo de maior alegria é o anúncio da liberdade; fala-se do perdão total dos pecados, da implantação da justiça e verdade e do restabelecimento da Aliança, amizade entre Deus e os homens. O trecho introduz a linguagem da consolação de Deus oferecida a seu povo sofrido.

2ª LEITURA: *2Pd 3,8-14*. Com o anúncio de novos céus e nova terra, difundia-se entre os primeiros cristãos uma preocupação pela demora do “Dia do Senhor”. Os apóstolos vêem na demora do “Dia do Senhor” um sinal de misericórdia que Deus tem por seu povo, e o exortam a viver de modo irrepreensível à espera do Senhor. O cristão pode, no entanto, apressar por sua piedade e santidade de vida a construção dos novos céus e da nova terra, onde haverá justiça para sempre.

EVANGELHO: *Mc 1,1-8.* João Batista, anunciando o Messias e exigindo a conversão mediante o sinal do batismo, dá início à Boa Nova a respeito de Jesus. Batista é apresentado aqui como o precursor do Messias, aquele que deve vir e é o objeto do verdadeiro anúncio. Ele prepara o caminho, clama no deserto, batiza e anuncia a vinda do Messias. João Batista, em sintonia com Isaías, prega um batismo de conversão para o perdão dos pecados. O evangelista faz transparecer em João Batista a personalidade de Jesus sempre atuando: “Ele vem depois de mim, é mais forte do que eu, batiza com o Espírito Santo”. Jesus é, pois, o Messias, e o sinal de João anuncia um Novo Tempo.

COMENTÁRIO: A idéia de retorno ou de vida nova é uma constante no anúncio litúrgico de hoje e é Deus quem motiva a conversão, espera paciente o retorno e acolhe como Pastor.

Ao povo exilado de seu ambiente de origem, uma palavra de consolo se torna convite e a esperança de retorno. Diferente da mensagem profética de até então, de denúncia dos pecados e anúncio dos castigos, Deus agora se compadece ao extremo diante do sofrimento de seu povo. Em sua imagem de Pastor, acolhe e caminha à frente. Com braço divino resgata e liberta seu povo. Bom Pastor, cuida dos fracos e pequenos; Deus forte alegra-se em perdoar e renovar todas as coisas. Sua misericórdia se expressa na paciência e oportunidade oferecida a cada um de arrepende-se. Para Deus o mais importante é o crescimento e comportamento do homem, e para isso, propicia a ele tempo suficiente para que alcance a salvação por sua conversão e fé. Para responder a este convite de conversão, o homem se serve de gestos significativos, “sacramentais”.

A Penitência é um momento privilegiado de encontro com o Deus que perdoa e salva; mas também as atitudes concretas da comunidade e de cada um manifestam a realidade de um coração novo e voltado para Deus.

A “confissão” é apenas um elemento entre outros do Sacramento de Penitência e só tem sentido cristão se for sinal eclesial de conversão e reconciliação do cristão pecador. A conversão cristã é um crescimento contínuo da consciência de Igreja que adquirimos; é mudança levada a sério. A Palavra de Deus nos convida hoje a converter-nos e a preparar o caminho do Senhor.

Antônio Aparecido Onde, cmf

3º DOMINGO DO ADVENTO (ANO B) — 13/12/87

DEUS VEM LIBERTAR OS POBRES



1ª LEITURA: *Is 61,1-2a.10-11.* A palavra do profeta, mais que anunciar uma mensagem nova, de paz e libertação para seu povo, quer configurar sua missão e de seus destinatários com aquele que Deus consagrou como portador de sua misericórdia e justiça. Essa Escritura Jesus

tornou realidade e cumprimento. A alegria da comunidade que se beneficia com a Salvação de Deus é descrita no final do poema de Maria, o Magnificat, em que expressa sua alegria com as mesmas palavras.

2ª LEITURA: *1Ts 5,16-24.* O apóstolo nos chama a atenção para nossa vivência cristã, que não é algo isolado, mas a ser vivido na comunidade. Fazer o bem só é possível com o auxílio do Espírito e discernindo como irmãos tudo o que é bom. Se o fiel manifesta com suas obras a caridade para com todos, a graça de Deus não faltará, porque Deus é sempre fiel.

EVANGELHO: *Jo 1,6-8.19-28.* Dentro do tema da luz, João Batista é aquele que dá testemunho da luz, a fim de que todos creiam por meio dele. Confrontando João e Jesus, vemos aqui sobressair a personalidade de Jesus. Ele é a Luz, o Cristo e o Profeta. Não o Messias segundo as categorias do poder, da vitória e do domínio universal como pensavam os israelitas; nem o Messias esperado dos judeus que devolvia o prestígio do Êxodo como um grande profeta, mas aquele que batiza no Espírito Santo. Esta é a sua missão: regenerar a humanidade no Espírito Santo.

COMENTÁRIO: A confissão de João quer indicar em primeiro lugar o que se refere a Jesus. No testemunho de João está “aquele que vem depois de mim”. Cristo é esta testemunha corajosa que está sempre à frente de Israel.

Os traços reais do Messias, descendente de Davi, não escondem o aspecto humilde e padecente do Servo de Davé, que expia pelo povo.

João negou ser não só o Cristo, mas também Elias e o Profeta; isto para afastar de si a atribuição de Messias. Ele é a “voz” no deserto.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

DEZEMBRO — Dia 1, 3a. FEIRA: Is 11,1-10; Lc 10,21-24. Dia 2, 4a. FEIRA: Is 25,6-10a; Mt 15,29-37. Dia 3, 5a. FEIRA: Is 26,1-6; Mt 7,21.24-27. Dia 4, 6a. FEIRA: Is 29,17-24; Mt 9,27-31. Dia 5, SÁBADO: Is 30,19-21. 23-26; Mt 9,35-10,1.6-8. (Dia 6, DOMINGO.) Dia 7, 2a. FEIRA: Is 35,1-10; Lc 5,17-26. Dia 8, 3a. FEIRA: IMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA: Gn 3, 9-15.20; Ef 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38. Dia 9, 4a. FEIRA: Is 40,25-31; Mt 11,28-30. Dia 10, 5a. FEIRA: Is 41,13-20; Mt 11,11-15. Dia 11, 6a. FEIRA: Is 48,17-19; Mt 11,16-19. Dia 12, SÁBADO: Gl 4,4-7; Lc 1,39-47. (Dia 13, DOMINGO.) Dia 14, 2a. FEIRA: Nm 24,2-7.15-17a; Mt 21,23-27 ou prs. 1Cor 2,1-10a; Lc 14,25-33. Dia 15, 3a. FEIRA: Sf. 3,1-2.9-13; Mt 21,28-32. Dia 16, 4a. FEIRA: Is 45,6b-8.18.21b-25; Lc 7,19-23. Dia 17, 5a. FEIRA: Gn 49,2.8-10; Mt 1,1-17. Dia 18, 6a. FEIRA: Jr 23,5-8; Mt 1,18-24. Dia 19, SÁBADO: Jz 13,2-7.24-25a; Lc 1,5-25. (Dia 20, DOMINGO.) Dia 21, 2a. FEIRA: Ct 2,8-14 ou Sf 3,14-18a; Lc 1,39-45. Dia 22, 3a. FEIRA: 1Sm 1,24-28; Lc 1,46-56. Dia 23, 4a. FEIRA: MI 3,1-4.23-24; Lc 1,57-66. Dia 24, 5a. FEIRA: 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16; Lc 1,67-79. Dia 25, 6a. FEIRA: NATAL: 1a. missa: Is 9,1-6; Tt 2,11-14; Lc 2,1-14. 2a. missa: Is 62,11-12; Tt 3,4-7; Lc 2,15-20. 3a. missa: Is 52,7-10; Hb 1,1-6; Jo 1,1-18 ou abrev. 1-5.9-14. Dia 26, SÁBADO: At 6,8-10; 7,54-59; Mt 10,17-22. (Dia 27, DOMINGO.) Dia 28, 2a. FEIRA: 1Jo 1,5-2,2; Mt 2,13-18. Dia 29, 3a. FEIRA: 1Jo 2,3-11; Lc 2,22-35. Dia 30, 4a. FEIRA: 1Jo 2,12-17; Lc 2,36-40. Dia 31, 5a. FEIRA: 1Jo 2,18-21; Jo 1,1-18.

Assim como a voz de João ecoou um anúncio e profecia, ouve-se hoje uma voz que é denúncia e grito por libertação. Muitos são os profetas no deserto de nosso contexto de evangelização. Ser profeta no mundo ou na Igreja da América Latina significa ter a coragem de ser uma voz a despertar nas comunidades cristãs sua verdadeira função profética e evangelizadora. Ser profeta hoje, mais que falar, é ouvir e interpretar o clamor do povo em sua realidade e busca de libertação. Se nossas comunidades cristãs não nos questionam nem nos inquietam em seus anseios, é porque nos falta responsabilidade e solidariedade diante dos males da sociedade.

João não quis se identificar com o Messias, pois sabia perfeitamente sua missão: preparar a vinda do Senhor. Para nossos irmãos mais pobres a esperança messiânica se concretizará na presença fraterna de quem estende a mão para socorrer a extrema necessidade e partilhar sua sorte. O que diferencia a existência cristã é sua ação de graças e confiança na Salvação; ação de graças que não é atitude passiva de quem reconhece que tudo lhe vem do alto, mas alegria do colaborador que descobre ser chamado a promover entre os irmãos a verdadeira libertação. O segredo da personalidade do Homem-Deus está em revelar uma atenção especial aos pobres e humildes que por sua fé se abandonam em Deus confiantes de sua libertação. Ser profeta é anunciar com a vida o Messias Libertador, e... arriscar-se ao martírio.

Antonio Aparecido Ondeí, cmf

4º DOMINGO DO ADVENTO (ANO B) — 20/12/87

EIS AQUI A SERVA DO SENHOR



1ª LEITURA: *2Sm 7, 1-5.8b-12.14a-16*, Davi pensa que, se o rei tem uma casa, com mais razão teria Deus a sua casa. Deus pensa de outra forma e faz ver a Davi, por meio do profeta Natã, que é Ele quem construirá uma casa para Davi, o que significa uma família, o povo de Israel.

2ª LEITURA: *Rm 16,25-27*. Paulo louva a Deus por revelar o mistério de seu plano de salvação visando a conduzir os homens todos à obediência da fé.

EVANGELHO: *Lc 1, 26-38*. O anjo Gabriel anuncia, em Nazaré da Galiléia, que Maria, a virgem noiva de José, dará à luz a Jesus, que “será chamado Filho de Deus”, por obra do Espírito Santo. Maria, que se perturba num primeiro momento, encorajada pelas palavras do anjo e pela força de Deus, sujeita-se plena e humildemente à vontade de Deus.

COMENTÁRIO: Mais importante do que construir uma casa para Deus é conformar nossas ações à sua vontade salvífica. De que adianta, por exemplo, construir gigantescas igrejas para Deus, se não nos empenharmos em viver segundo a sua Palavra? De nada vale desembolsar-

mos vultosas somas de dinheiro em esmola, se nos demonstrarmos cotidianamente insensíveis com o pobre que carece de pão, moradia e de atenção. Davi recebe a promessa da permanência secular de sua linhagem. O anjo Gabriel anuncia que essa promessa será cumprida: Jesus, o filho da virgem pobre, ocupará o trono de seu pai Davi. Será o Rei dos Reis. Virá para instituir o verdadeiro reinado que é o Reino de Deus. Na sua trajetória salvífica, Deus quis que seu Filho nascesse de uma virgem de Nazaré de nome Maria. A jovem senhorita, de estupenda fé, aceitou com humildade a proposta de Deus feita por meio do anjo. Disse um “sim” corajoso e confiante na Palavra de Deus. Este “sim” como que inaugura a História da Salvação da humanidade. Os contemporâneos de Maria não estavam convencidos de que fosse dessa forma a vinda do Messias prometido. Mas, como diz um ditado popular, “Deus escreve certo por linhas tortas”; Deus possui critérios diversos dos nossos, incompreensíveis até mesmo para nós, exceto pela fé. Para Deus, nada é impossível. Ao “não” de Eva corresponde o “sim” de Maria, primeiro passo para a vinda de Jesus. O Natal nos lembra que Jesus veio trazer a salvação, com a finalidade de que nos amemos uns aos outros, como amigos e como irmãos que, lado a lado, buscam a paz vivenciando o amor.

Maria estava noiva de José e, após o anúncio do anjo, ela se casou com ele. Foi sua legítima esposa e verdadeira mãe do Filho de Deus. Muitos insistem na virgindade de Maria como uma beleza que se fecha em si mesma, porém, sua virgindade é, mais profundamente, a base de uma nova relação homem-mulher, marcada pelo amor, amizade e igualdade. Se ainda hoje em nossa sociedade impera o machismo na relação homem-mulher, isso ocorre porque não vemos, com o devido apreço, que Maria é modelo de novas relações. Maria virgem, mãe e esposa, dá sentido à luta da mulher cristã na busca de sua libertação; libertação essa que concerne também ao homem, estabelecendo de uma relação falsa e de domínio sobre a mulher.

No seu amor virginal, Maria unificou todas as dimensões da mulher, esposa e mãe, vivendo-as de maneira divinamente livre.

Oswaldo Marçal da Silva, cmf

SAGRADA FAMÍLIA (ANO B) — 27/12/87

LUZ PARA ILUMINAR AS NAÇÕES



1ª LEITURA: *Eclo 3,3-7.14-17a*. Estes versículos fazem parte do melhor comentário do 4º Mandamento de Moisés (*Ex 20,12; Dt 5, 16; Lv 19,3a*). Honrar os pais significa respeitá-los, compreendê-los e auxiliá-los nas suas dificuldades. Os filhos que fizerem isso receberão a bênção

divina. Em contrapartida, os filhos que desrespeitarem seus pais serão amaldiçoados.

2ª LEITURA: *Ct 3,12-21*. Os eleitos de Deus são convidados a manifestar uma vida nova baseada na ternura, bondade, humildade, paciência e delicadeza, aceitando-se uns aos outros, perdoando-se mutuamente. A marca do cristão deverá ser o amor que traz a paz. A palavra de Deus haverá de habitar nele para que ele faça tudo em nome de Jesus, glorificando-o em qualquer lugar que esteja.

EVANGELHO: *Lc 2,22-40*. Conforme a lei, os primogênitos de Israel pertenciam a Deus por sacrifício e deviam ser "resgatados". A mãe, para sua purificação ritual, apresentava um sacrifício. Os pais de Jesus submetem-se a esses costumes arcaicos. Por outro lado, Simeão e Ana mostram que Jesus pertence totalmente a Deus. Ele virá para salvar os homens, será pedra de tropeço para uns e degrau para outros. Maria sofrerá profundas dores na vida humana do Filho de Deus.

COMENTÁRIO: Nesse texto evangélico é curioso o testemunho de Simeão, homem "justo e piedoso". Ele antecipa, como fará a profetisa Ana, que Jesus é o salvador de todos, a luz para iluminar as nações. Jesus será luz para uns, por certo, não para todos. Ele é o sinal que divide misteriosamente os homens em bons e maus. Nem todos aqueles que se colocam do lado de Cristo são bons: alguns são incapazes de notar que a luz de Cristo os condena. Há bons, por outro lado, que por desejo de Deus passam toda a vida na busca da luz.

Na festa da Sagrada Família, vemos que somos obrigados a nos voltar para a família. Visando a defender os valores familiares, invocamos a autoridade da família de Jesus. A família de Nazaré teve como eixo norteador Jesus e a sua missão. A família hoje deve ter em conta esta missão de Cristo e a missão do cristão no mundo. É eloqüente o testemunho de uma família virginal que assumiu as responsabilidades do casamento e da paternidade.

No nível da realidade, a família enfrenta hoje uma série de problemas: a falta de diálogo, o fechamento sobre si mesma, o autoritarismo dos pais, a desobediência dos filhos, o machismo, o desemprego, os baixos salários, a falta de moradia e, no caso do lavrador, a falta de terra para plantar; enfim, a miséria, a crescente e alarmante carência de condições econômicas, sociais, políticas e culturais. Conseqüências de tudo isso são o divórcio, o menor abandonado, a mãe solteira e o aborto, entre outras. Trata-se de interferências marcantes e decisivas que impedem a família de vivenciar os valores do Reino. Cristãmente, a família possui um papel fundamental: ela é o lugar da primeira experiência de Deus. A família, apesar de sofrer pressões da sociedade consumista e egoísta, se apresenta como local privilegiado da prática do diálogo, alicerçado na Palavra de Deus: os filhos aprendendo dos pais (1ª Leitura) e os pais aprendendo dos filhos (2ª Leitura). É preciso começar em casa, compartilhando com os de nosso sangue as angústias e alegrias.

Oswaldo Marçal da Silva, cmf

UM TEMPO DE ESPERANÇA

No dia 29 de novembro começa o tempo do Advento, o Natal se aproxima. Faz pensar em festa, paz e luz, na família reunida, o encanto de lembranças infantis. Com razão, sem dúvida, porque o Natal traz tremenda mensagem de esperança. Mas esperança que surge cercada de muito sofrimento...

O Advento é um tempo de esperança junto com todos aqueles que esperam fielmente em Deus. Junto com todos aqueles que perceberam, pelo menos alguma vez na vida, como o despontar de uma madrugada para a humanidade. Esperança no lugar de todos aqueles que não ousam mais esperar nada, para quem a dureza da vida encobriu a esperança, mas sobre quem se levanta também "a estrela da manhã, luz do alto sobre os que estão na escuridão".

Simeão, o ancião, é uma verdadeira encarnação de esperança. Ele sabe que Deus é fiel. A cada dia, espera a realização da promessa. Aguarda para ver o Cristo com os próprios olhos. Mas a cada dia desmente esta esperança, até ao ocaso de uma longa vida. É como se somente uma espera desmedida pudesse deixar intuir o dom desmedido e o excesso de amor que o faz chegar. Em todas as nossas esperas, estará Deus preparando um espaço maior para o seu dom?

A espera no Evangelho sempre vai além do que se pode esperar sensatamente: a velha Isabel que espera ter um filho; a Virgem que concebe; uma criança que salva o mundo.

Para permanecer na certeza de que para Deus nada é impossível, precisamos uns dos outros. Ficar juntos como Igreja. Essa imagem de Igreja que é o encontro entre Maria e Isabel (Lucas 1,39-56). Alegrar-se juntos enquanto se espera. Juntos, como elas, vibrar no pressentimento, no louvor, acolher o acontecimento de Deus que sabe deixar cada um satisfeito, que pode satisfazer o mundo.

Com o nascimento de Jesus, Deus responde a uma espera de séculos. Mas, de modo tão estranho! Nada mais preparada do que a vinda de Cristo. Para ela converge a história de todo um povo, do mundo. Gerações de profetas a anunciam. Mas, quando se realiza, tudo parece improvisado: na pensão, não tem lugar, é preciso arrumar depressa um cantinho numa vacaria, transformar em berço uma manjedoura. E a longa preparação, como fica então? Ela não serviu para tudo prever nos mínimos detalhes. Antes foi aquilo que permitiu aos que crêem discernir o rosto de Deus na fragilidade de uma criança. ●

Os leitores escrevem

Incrível

A faculdade de amar
É dom gratuito divino
Que nos leva a procurar
O nosso supremo destino.
Através do nosso irmão
Carente, na rua da amargura,
Sem teto, agasalho e pão.
Pernoitando a céu aberto, na rua.
Até o Diogo, com duas primaveras,
Chorou emocionado, copiosamente,
Ao ver pela TV tal cena que, deveras,
Comove o coração da gente.
Quanta dor, quanta ternura
No coração de criança,
Que vê noutra tanta desventura
Nos mais lindos anos da infância.
E o Diogo Rossi de Campos chora
Não aceitando a própria mamadeira
E diz à mãe, entre soluços: dê-a agora
Ao menino pobre da ladeira.
Recolhi em nossa casa o garoto da rua,
Diz a mãe ao Diogo que ainda chora.
Dei-lhe a mamadeira que era sua
E ele fica alegre como outrora.
Naquele instante feliz adormeceu
Para um repouso assaz merecido.
Ignorando porém que a todos deu
Um exemplo que jamais será esquecido.
Ao ver um pequeno e infeliz vulto
Pernoitando na gélida caçada
Por certo a criança diria ao adulto
Você não presta para naça.

Laerte Ribeiro de Campos

Crianças abandonadas

Tanta gente está sofrendo
Tantas crianças estão sem lar
Crianças abandonadas
Estão à procura de um pai
Infância de sofrimento
É triste ter que falar
Crianças estão a chorar
Chorar, sem ter mãe para consolar
Pedir, sem ter pai para lhe dar
Ser irmão
De quem não quer ser seu irmão
Sentir, sem ter para quem reclamar
Viver, sem amor e sem lar
Pelas ruas da cidade
Andam de déu em déu
Tentando matar a fome
E quase sempre encontram fel
No meio de tanto mel

Graças a Deus tive uma infância feliz. Graças aos exemplos de meus pais, católicos fervorosos. Recordo quando íamos à igreja assistir a santa missa, especialmente na semana santa. Oh! como era feliz e não sabia. Encontro resposta hoje em minha vida nesta magnífica oração da criança que encontrei no livro **Manual do devoto de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. Tenho certeza que se ela for publicada nesta Revista trará inúmeros benefícios às crianças e adolescentes que a rezarem frequentemente.

Oração da criança

Jesus, eu gosto do Senhor. Muito obrigado pela vida que o Senhor me deu! Muito obrigado por papai e mamãe e por todas as pessoas que o Senhor colocou bem perto de mim.

Jesus, eu estou crescendo não só por fora, para ter um corpo bonito e forte, mas ajude-me a crescer também por dentro, para ter um coração cheio de bondade. Jesus, ajude-me a ser feliz, ajude-me a não ter medo de ser sincero. Quero crescer com alegria e fazer muita gente feliz, porque eu existo.

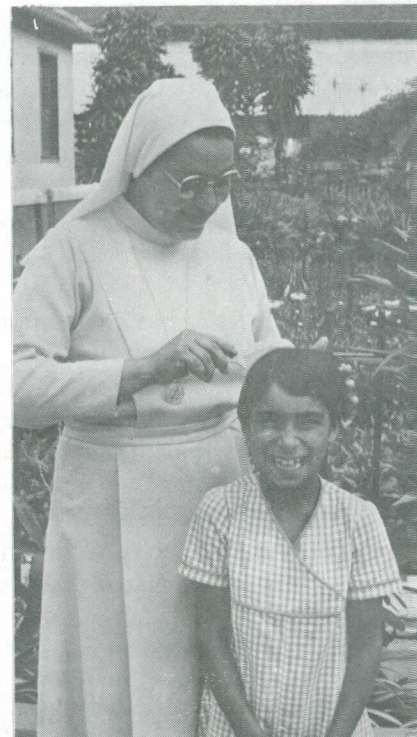
Jesus, eu gosto do Senhor, de todo o coração, e vou gostar de todo mundo, como o Senhor gosta de mim. Amém.

(E.P.B. - Itabirito, MG)

Crianças abandonadas
Estão à procura de um lar
Como é difícil encontrar
Por falta de amor e paz
Crianças que estão tristonhas
Sem vontade de cantar
Vivendo angustiadas
Querendo contigo falar
E você onde está?
Crianças abandonadas
Crianças que estão sofrendo
Peço a Deus para ajudar
As crianças encontrar
Um lar para morar
Uma família para amar
E ser amada por ela
E viver na esperança
De ter Deus no coração
E muito amor para dar.

Themístocles Signorini Filho

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR? QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobre dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868



“COLUNA DO MENOR”

Senhor presidente José Sarney

Refletimos muito na Campanha da Fraternidade sobre o problema do menor abandonado.

Fiquei pensando em um modo de ajudar os meus irmãozinhos sofredores e vejo que só o senhor poderá fazer muita coisa de bom para diminuir a marginalidade em nosso país.

É preciso acabar com os trombadinhas, assaltos e outros tipos de crimes.

Acho que a melhor maneira é criar uma organização que recolha todos os meninos de rua, dê a eles um trabalho, uma profissão e também que tenham um salário para sobreviverem com seu trabalho. Uma organização diferente da FEBEM. Esta não educa, nem instrui. Uma organização

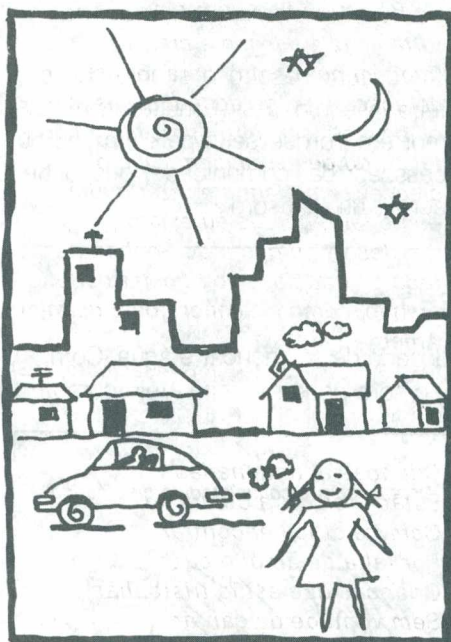
em que todos trabalhem, estudem, tenham salário digno e paguem um pouco pelo alimento e moradia.

Acho que assim os menores de rua vão acabar no Brasil e a sociedade terá menos problemas e ganhará mais “braços” e mais “cabeças” para promover o crescimento do nosso país.

Espero que o senhor pense sobre tudo isso. A nova Constituição brasileira deve ter um artigo dedicado ao menor de rua, para dar a ele condições de estudo, trabalho, teto e vida digna.

Com todo o respeito da patriota.

(A.K.B., 10 anos — Belo Horizonte, MG)



tencerem a um sistema de renda desigualmente distribuída, têm de enfrentar dificuldades, sem poder reclamar e impor os seus direitos.

Na sociedade em que vivemos existem muitas crianças que, por causa dos pais ganharem pouco e o dinheiro ser insuficiente para a alimentação de toda a família, passam fome e são subnutridas.

Essa miséria do menor e de todo o povo em geral é causada pela falta de

Senhor presidente José Sarney

Tenho muito respeito pelo senhor por você ter trabalhado pela paz do nosso país e por você fazer o máximo de esforço para não haver guerra no Brasil.

Os meus amigos, menores abandonados, sinto muito pelo sofrimento que eles passam. Eu não posso fazer quase nada por vocês, mas posso rezar.

Desejo-lhes felicidades.

O mundo é muito bom, é maravilhoso, é muito mais que isso que aí está. Só que a guerra atrapalha. A fome atrapalha. Vamos acabar com a guerra! Vamos acabar com a fome!

(C.K.B., 8 anos — Belo Horizonte, MG)

Gostaria de iniciar esta carta escrevendo o que eu desejaria dizer às autoridades responsáveis pelo problema do menor no Brasil. O menor carente, abandonado, a quem se refere a Campanha da Fraternidade/87, tem que ter o apoio das pessoas e da sociedade para que não seja mais carente, abandonado.

Este menor precisa de casa que lhe dê apoio, instituições voltadas a ele, escolas etc. Para isso, todos os que têm um pouco mais do que esses menores devem contribuir para ajudá-los.

Gostaria que as autoridades tomassem consciência de que é educando o menor de hoje que se terá um mundo futuro melhor.

Por nosso país ser subdesenvolvido e por não ter condições de manifestar a todos a mesma condição, existem aquelas pessoas que não trabalham, vivem sem fazer nada, enquanto outras vivem trabalhando muito, para no final do mês ganharem um salário tão baixo que não supre nem as suas necessidades básicas. Nesta luta com o trabalho estão as crianças, que, por per-

consciência dos governantes que gastam “rios de dinheiro” com guerras, com corrida armamentista etc. e se esquecem que esse dinheiro poderia ajudar tantas pessoas a viverem em boas condições.

Há outro aspecto no problema das crianças que é muito importante: a falta de escolas.

Isso é muito sério, pois, se a criança não tem condições de freqüentar uma escola particular, o governo tem o dever de propiciar a essa criança uma escola com nível adequado de ensino e formação que tornará essa criança um membro da sociedade que tem instrução. Porém, vemos que as escolas públicas não proporcionam boas condições de formação e ensino às crianças, pois o nível da educação é muito baixo.

Acho que o que poderia ajudar um pouco o menor seria a construção de um lugar em que a criança pudesse viver com alegria e que ela se sentisse bem.

(D.O.E. — Rio Claro, SP)

CAMPANHA DO SORO CASEIRO

Em outubro a Igreja lançou a Campanha do soro caseiro ou também chamado soro oral.

Talvez você não saiba, mas a cada dia morrem no Brasil 164 crianças menores de um ano, vítimas da diarreia.

Isto pode ser evitado com o uso do soro caseiro. E a vida de milhares de crianças pode ser salva.

Esta campanha que irá até dezembro quer ser um gesto concreto da ação pastoral em cada comunidade e paróquia por uma vida mais justa e fraterna.

Ninguém pode omitir-se quando há tantas vidas a serem salvas.

Sinais de desidratação:

1. Diarreia, seguida de vômitos.
2. Boca seca e muita sede.
3. Pouca urina e de cor amarelo-escura.
4. Os olhos ficam fundos.
5. A moleira afunda (só em nenês com menos de um ano de idade).
6. A pele fica sem elasticidade.

O soro caseiro é simples de ser feito. Mesmo assim muitas crianças morrem porque seus pais, irmãos ou pessoas da comunidade desconhecem o uso do soro.

Como e quando dar o soro para a criança?

Cada vez que a criança evacuar ou vomitar é preciso dar o soro. Para as crianças que não sentam, dar dois dedos de um copo. Crianças que sentam e não andam, dar três dedos de um copo. Crianças que correm, dar o copo cheio. Lembre-se: essa quantidade é para cada vômito ou diarreia. Não precisa dar tudo de uma vez. Pode ir dando de pouquinho. QUANTO MAIS ÁGUA A CRIANÇA PERDE, MAIS SORO DEVE TOMAR.

A criança com diarreia não pode parar de se alimentar. Houve tempo em que os médicos suspendiam a alimentação da criança com diarreia. Hoje eles sabem que estavam errados. A mãe deve continuar alimentando a criança e com os alimentos que a criança está acostumada a comer. Não precisa suspender o leite, nem o da mãe, nem o de vaca. É preciso que a criança se alimente para ter forças para reagir contra as doenças e não perder o peso, por causa da diarreia.







Convidamos a todos, principalmente os agentes da Pastoral da Saúde e da Pastoral da Criança, a se engajarem na organização e execução da Campanha do Soro Caseiro.

Você pode receber todo o material para planejar a Campanha do Soro Caseiro em sua paróquia, grupo ou comunidade. Basta escrever para:

CENTRO DE PASTORAL POPULAR
Liturgia Doméstica
Caixa Postal 09-1064
Tel.: (061) 248-4166
70.000 - Brasília - DF

Como preparar o soro caseiro

O soro caseiro é obtido com a mistura dosada de sal, açúcar e água. Com uma colher-medida ou mesmo sem ela, o soro pode ser feito. Veja como:

Primeiro, com a colher-medida de plástico			Depois, sem a colher-medida de plástico		
					
2 medidas grandes rasas de AÇÚCAR	1 medida pequena rasa de SAL	em 1 copo de ÁGUA	uma pitada de 3 dedos de SAL	1 punhado de AÇÚCAR	em um copo de ÁGUA

Para preparar um litro

- 1 colher de chá de sal.
- 8 colheres de chá de açúcar.
- 1 litro de água potável.

Observação: cada colher de chá tem a mesma capacidade de uma tampa de refrigerante.

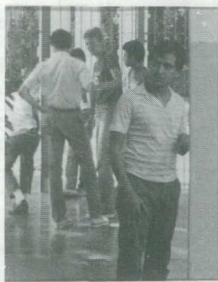
Observação: prove antes. Se o gosto for da água de coco, está certa a preparação.

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortés)



*MISSIONÁRIO CLARETIANO.
POR QUÊ?*



Para anunciar:

Justiça
Fraternidade
Verdade
Salvação dos Povos
A Civilização do Amor...

Por todos os meios possíveis:

Missão
Paróquias Rurais e Urbanas
Imprensa
Colégios...

*Quer ser missionário Claretiano
com a gente?*

Escreva para um desses endereços:

Filosofado Claretiano
R. D. Bosco, 466
Caixa Postal 04
Fone: (016) 761-5145
14300 Batatais, SP

Teologado Claretiano
Av. Cetúlio Vargas, 1193
Caixa Postal 153
Fone: (043) 222-8115
80000 Curitiba, PR

Seminário Claretiano
Av. Pe. Claret, 2353
Caixa Postal 23
Fone: (0512) 73-1566
93250 Esteio, RS

Seminário Claret
Av. Um (Fim)
Caixa Postal 136
Fone: (0195) 24-2048
13500 Rio Claro, SP

Seminário S. Antônio M. Claret
R. Bueno Brandão, 495
Caixa Postal 115
Fone: (035) 421-1108
3755C Pouso Alegre, MG

MULHER, SIM!



OPRIMIDA, NÃO!

Acreditamos na dignidade da mulher e no direito que tem de ser e viver como pessoa, imagem e semelhança de Deus.

Nós, **IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR**, temos este ideal:

- continuar respondendo ao "Segue-Me" de Jesus Cristo Redentor (Mt 9,9);
- e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas, num compromisso de misericórdia e libertação.

JOVEM, você quer se juntar a nós?

Pense nisso!

**IRMÃS OBLATAS DO
SANTÍSSIMO REDENTOR**

Presença e sinal da Misericórdia do Pai junto às:

- *menores abandonadas*
- *jovens desajustadas*
- *mães solteiras*
- *prostitutas.*

**Maiores informações
escreva para:**

**CENTRO VOCACIONAL
DAS IRMÃS OBLATAS**
Rua Acuruí n° 552 - Vila Formosa
03355 São Paulo Tel. 295-9069.



*São Francisco de Assis
descobriu no Evangelho uma
força transformadora e
mudou sua vida...*

VOCÊ ACREDITA NISSO?

Jovem, se for do seu interesse,
escreva-nos.

Nós, Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Maria de Bonlanden, na força do Evangelho, procuramos na simplicidade e alegria unir trabalho e oração, servindo os irmãos em colégios, hospitais, lar-escola, meios populares, comunidades inseridas, centros de menor e paróquias.

*Para maiores informações,
procure-nos:*

* **Colégio Nossa Senhora da Glória**

Caixa Postal 189
99500 Carazinho — RS
Fone: (054) 331-1577

* **Colégio Imaculada Conceição**

Caixa Postal 35
89604 Luzerna — SC
Fone: (0495) 22-2112

* **Colégio Stella Maris**

Rua Cardeal Arcoverde, 1.097
05407 Pinheiros — SP
Fone: (011) 210-4588

* **Instituto de Educação Santo Antônio**

Rua Dr. Barros Júnior, 1.124
26000 Nova Iguaçu — RJ
Fone: (021) 767-1705

—MARIA NINGUÉM—

Pedro Thomaz Pereira



*Maria, Maria como tantas outras Marias.
Maria virtude, Maria pecado
Maria da alta, Maria da zona baixa.
Da boca do luxo, ou da boca do lixo
violentada pela vida.
Resto de gente atirada nas estradas do mundo,
pendurada, massacrada, currada,
pingente nos trens de subúrbio,
nos vagões da Central, nos paus-de-arara do Norte.*

*Barraco infecto, atolado num buraco,
nos loteamentos clandestinos da periferia,
nos guetos, nos cortiços das grandes metrópoles,
nos depósitos de lixo dos centros desordenados.
Crianças magras, franzinas,
adultos tristes, amontoados em quartos de madeira.
Maria esposa, Maria mãe, Maria mulher,
que Deus esqueceu,
que a cidade devorou, engoliu e defecou.
Maria como tantas Marias
que sonha com a loteria,
uma casa mais decente, uma vida cor de sol.*

*Maria salário-mínimo
sem um mínimo de recurso, pra enxotar o tédio,
pra mudar da vida a dor em curso
que incomoda a toda hora.
Maria que lamenta o marido alcoólatra, pinguço,
mas acaba bebendo também,
enche o bucho, enche a cara de cachaça,
gasta o último, o único vintém,
acha graça do destino
desatino que ronda seu barraco, seus dias.
Enche a cara e vai pra esquina
assaltar, bater a carteira de alguém.*

*Maria, Maria trapo, farrapo,
Margarida da avenida, do barraco,
Maria desgraçada Maria
da rua, do morro, da vida errante,
Maria pecado, Maria virtude,
objeto exposto na feira de mercadoria humana,
no peito implosão de dor ingente, insana.
Mulher, moça, ou menina.
Maria, incógnita, anônima, ninguém.
Maria que no fundo, na essência,
é gente, é ser humano também...*

ORAÇÃO DO ANO MARIANO



Mãe do Redentor, neste ano que vos é dedicado, exultantes, nós vos proclamamos bem-aventurada. Deus Pai vos escolheu antes da criação do mundo para realizar o seu desígnio providencial de salvação. E vós acreditastes no seu amor e obedecestes à sua palavra. O Filho de Deus vos elegeu como sua Mãe, quando se fez homem para salvar o homem. E vós o acolhestes com obediência pronta e coração indiviso. O espírito Santo vos amou como sua esposa mística e vos cumulou de dons singulares. E vós, docilmente, vos deixastes plasmar pela sua ação recôndita e poderosa.

Nas vésperas do terceiro milênio cristã os confiamos a Igreja

que vos reconhece e invoca como Mãe. E vós, que na terra a precedestes na peregrinação da fé, confortai-a nas dificuldades e nas provações e fazei com que ela seja no mundo, cada vez mais eficazmente, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

A vós, Mãe dos cristãos, confiamos e entregamos de modo especial os povos que, no decorrer deste Ano Mariano, celebram o sexto centenário (na Lituânia) ou o milênio (na Rússia) da sua adesão ao Evangelho. A sua longa história está profundamente marcada pela devoção para convosco. Volvei para eles o vosso olhar amoroso; e dai

coragem a todos os que sofrem pela fé.

A vós, Mãe dos homens e das nações, entregamos, confiantes, a humanidade inteira, com os seus temores e as suas esperanças. Não deixeis que lhe falte a luz da verdadeira sabedoria. Guiai-a na busca de condições de liberdade e de justiça para todos. Orientai os seus passos pelos caminhos da paz. Fazei com que todos encontrem Cristo, caminho, verdade e vida. Amparai, ó Virgem Maria, a nossa caminhada de fé e alcançai-nos a graça da salvação eterna. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Mãe de Deus e Mãe nossa, Maria!

JOÃO PAULO II